



**CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA
COMÉRCIO EXTERIOR**

**Gabriela Monteiro Neves
Matheus Andrade da Silva Bueno
Thamy Magalhães Rodrigues**

**GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA:
IMPACTO NO MERCADO DE SOJA BRASILEIRO**

GUARULHOS

2025

**GABRIELA MONTEIRO NEVES
MATHEUS ANDRADE DA SILVA BUENO
THAMY MAGALHÃES RODRIGUES**

**GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA:
IMPACTO NO MERCADO DE SOJA BRASILEIRO**

Trabalho de Graduação
apresentado ao Curso Superior de
Tecnologia em Comércio Exterior
como requisito parcial para
obtenção do Título de Tecnólogo em
Comércio Exterior.

Orientador: Marco Antonio Souto
Pasta Teberges.

GUARULHOS

2025

RESUMO

O trabalho analisa o impacto da guerra comercial EUA-China no mercado brasileiro de soja. O conflito tarifário, motivado pela doutrina "*America First*" e disputas tecnológicas, fez com que a China retaliasse, aplicando 25% de tarifas sobre a soja norte-americana para diversificar fornecedores e garantir segurança alimentar. Nesse contexto, o Brasil emergiu como o principal beneficiário e solução imediata para a demanda chinesa, a maior consumidora mundial do grão, e as exportações brasileiras para a China saltaram de 56 milhões para 74 milhões de toneladas entre 2018 e 2019, impulsionadas pela superior capacidade produtiva, pelo alto teor de proteína da soja nacional e pela estratégica relação bilateral. Macroeconomicamente, o boom exportador contribuiu significativamente para o PIB do agronegócio e para a geração de empregos e renda.

Palavras-chave: Guerra comercial; Soja brasileira; China; Agronegócio; Geopolítica econômica.

ABSTRACT

This paper analyzes the impact of the US-China trade war on the Brazilian soybean market. The tariff conflict, driven by the "America First" doctrine and technological disputes, led China to retaliate by imposing 25% tariffs on US soybeans to diversify suppliers and ensure food security. In this context, Brazil emerged as the main beneficiary and an immediate solution for Chinese demand, the world's largest consumer of the grain. Brazilian exports to China jumped from 56 million to 74 million tons between 2018 and 2019, driven by superior productive capacity, the high protein content of the national soybean, and the strategic bilateral relationship. Macroeconomically, the export boom significantly contributed to the agribusiness GDP and the generation of jobs and income.

Keywords: Trade War; Brazilian Soybeans; China; Agribusiness; Economic Geopolitics.

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABIOVE – Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais
- BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
- CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
- CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
- EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- FAO – Food and Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação)
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
- MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
- MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
- MFP – Market Facilitation Program (Programa de Facilitação de Mercado)
- MOFCOM – Ministry of Commerce of the People's Republic of China (Ministério do Comércio da República Popular da China)
- NDS – National Defense Strategy (Estratégia de defesa nacional)
- OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.)
- OMC – Organização Mundial do Comércio
- P&D – Pesquisa e desenvolvimento
- PIB – Produto Interno Bruto
- USDA – United States Department of Agriculture (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos)
- USSEC – United States Soybean Export Council (Conselho de Exportação de Soja dos Estados Unidos)
- VoIP – Voice over Internet Protocol (Voz sobre Protocolo de Internet)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - 5 Maiores Países Produtores de Soja.....	25
Figura 2 - Área de Soja Plantada no Mundo	26
Figura 3 - Produção de soja por região	27
Figura 4 - Produtos exportados para a China em 2024.....	28
Figura 5 - Crescimento de exportações para a China 2011-2023.....	29
Figura 6 - Crescimento de importações da China 2011-2023	29
Figura 7 - Exportação de grão de soja por país 1961 - 2023	30
Figura 8 - Exportações Brasil x E.U.A 2000-2023.....	31
Figura 9 - Cotação média mensal de frete – MT (R\$/t)	33
Figura 10 - Evolução de Exportações Realizadas Pelo Brasil.....	34
Figura 11 - Evolução de Importações Realizadas Pelo Brasil.....	34
Figura 12 - PIB per capita por diferentes Unidades territoriais do Brasil Entre os anos de 2000, 2010 e 2020.....	38
Figura 13 - Brasil - Complexo Soja - Setor Processador. Evolução das Cotações - FOB Brasil - Média Mensal (1º entrega)	39
Figura 14 - SOJA: Estimativa de Comercialização SAFRA 21/22	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo Geral	11
1.1.2 Objetivos Específicos.....	11
1.2 JUSTIFICATIVA	11
1.2.1 Relevância Econômica e Social.....	12
1.2.2 Contribuições da Pesquisa	12
1.3 METODOLOGIA.....	12
1.4 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2 A GÊNESE DE UM CONFLITO COMERCIAL: A GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA	14
2.1 As Origens e os Gatilhos do Conflito.....	14
2.1.1 A Doutrina “America First” e o Ressurgimento do Nacionalismo Econômico	14
2.1.2 O Déficit Comercial e as Bases Econômicas do Conflito.....	16
2.1.3 O Aço como Marco Inicial do Protecionismo	16
2.1.4 Da Disputa Comercial à Competição Tecnológica.....	17
2.1.5 O Colapso do Multilateralismo e a Escalada Tarifária	18
2.2 O Setor Agrícola no Epicentro da Disputa.....	18
2.2.1 A Interdependência Estratégica Pré-Guerra Comercial	19
2.2.2 A Retaliação Chinesa: Precisão e Objetivos Claros	19
2.2.3 A Resposta Chinesa: Diversificação e Fortalecimento da Soberania Alimentar	20
2.2.4 O Impacto da Guerra Comercial no Comércio Agrícola da China	22
3 O OPORTUNISMO GEOPOLÍTICO DO BRASIL: MUDANÇAS NO FLUXO DE EXPORTAÇÃO DE SOJA	24
3.1 O Brasil como Solução Imediata para a Demanda Chinesa.....	24
3.1.1 Demanda chinesa pela carne suína e farelo de soja	24

3.1.2 Capacidade produtiva Brasileira	25
3.1.3 Desenvolvimento e qualidade da soja brasileira	26
3.1.4 Brasil como parceiro comercial estratégico da China	28
3.2 A Realocação da Demanda: Análise dos Dados de Exportação	30
3.2.1 Hegemonia dos EUA no mercado de soja	30
3.2.2 Ascensão brasileira e declínio do crescimento norte-americano	31
3.3 Fatores Econômicos e Políticos que Influenciaram a Preferência Chinesa pelo Grão Brasileiro:	31
3.3.1 Arco Norte e melhorias de Infraestrutura	32
3.3.2 Boa relação histórica Brasil-China	33
4 IMPACTOS E ESTRATÉGIAS INTERNAS: EFEITOS DA GUERRA COMERCIAL NA ECONOMIA BRASILEIRA	36
4.1 Efeitos Macroeconômicos: PIB, Emprego e Receita	36
4.1.1 O Ganho Setorial Brasileiro no Contexto Internacional.....	36
4.1.2 A Soja como impulsionadora do PIB do agronegócio	36
4.1.3 Impactos no Mercado de Trabalho e Desenvolvimento Regional	37
4.2 Desafios e Oportunidades no Mercado Interno	38
4.2.1 O Dualismo do Mercado Doméstico: Entre a Oportunidade Global e os desafios internos.....	39
4.2.2 Pressão Sobre as Cadeias Produtivas Dependentes da Soja	40
4.2.3 Impactos Inflacionários no Consumo Doméstico	41
4.3 As Estratégias do Agronegócio Brasileiro	41
4.3.1 Modernização da Infraestrutura Logística.....	41
4.3.2 Adoção de Tecnologias de Controle e Inovação	42
4.3.3 Diversificação Comercial e Políticas Governamentais.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
5.1 Síntese dos Principais Resultados	44

5.2 A Fragilidade da Dependência: Riscos e Desafios Futuros.....	45
5.3 Perspectivas Para a Política Brasileira.....	46
6 REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A guerra comercial entre Estados Unidos e China, iniciada em 2018 sob a administração Trump, estabeleceu um novo paradigma nas relações econômicas globais, com reflexos significativos no comércio internacional de commodities agrícolas. Segundo dados do United States Department of Agriculture (USDA, 2022), o conflito caracterizou-se pela imposição recíproca de tarifas alfandegárias que atingiram mais de US\$ 360 bilhões em produtos, criando distorções nos fluxos comerciais tradicionais. Nesse contexto, o mercado de soja emergiu como um dos setores mais sensíveis às tensões bilaterais, dada a importância estratégica desta commodity para ambas as economias.

O Brasil, como maior exportador global de soja (CONAB, 2025), viu-se inserido neste cenário complexo de rearranjos geoeconômicos. Estudos preliminares indicam que o país pode ter se beneficiado do desvio comercial decorrente das tarifas chinesas sobre a soja norte-americana, porém tal análise requer investigação mais aprofundada que considere variáveis como volatilidade de preços, custos logísticos e capacidade produtiva.

Este trabalho tem como objetivo principal analisar os impactos multidimensionais da guerra comercial EUA-China no mercado brasileiro de soja no período de 2018 a 2024. A pesquisa busca responder: (1) em que medida o Brasil capitaliza as oportunidades criadas pelo conflito; (2) quais foram os efeitos quantitativos nas exportações; e (3) que estratégias foram adotadas pelos agentes econômicos e pelo governo brasileiro para adaptação ao novo cenário.

A relevância acadêmica deste estudo reside na contribuição para a literatura sobre comércio internacional e geopolítica econômica, particularmente no que tange aos efeitos de guerras comerciais em países terceiros. Do ponto de vista prático, a pesquisa oferece subsídios para a formulação de políticas agrícolas e estratégias de comércio exterior mais resilientes.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar os impactos multidimensionais da guerra comercial entre Estados Unidos e China, iniciada em 2018, nas exportações de soja brasileira, considerando fatores econômicos, políticos, logísticos e geopolíticos, bem como suas implicações para a economia nacional, a balança comercial e as relações estratégicas do Brasil com a China.

1.1.2 Objetivos Específicos

Avaliar as mudanças nos fluxos de exportação de soja brasileira para a China após a imposição de tarifas recíprocas, utilizando dados comparativos entre Brasil e EUA no período 2018 - 2024.

Identificar os fatores econômicos (capacidade produtiva, qualidade do grão, logística) e políticos (parceria estratégica, diplomacia) que influenciaram a realocação da demanda chinesa para o Brasil.

Analisar os efeitos macroeconômicos da guerra comercial no mercado interno brasileiro, com foco no PIB do agronegócio, geração de empregos, receita setorial e desenvolvimento regional.

Examinar as estratégias adotadas pelo agronegócio brasileiro e pelo governo para capitalizar as oportunidades geradas pelo conflito, incluindo modernização logística, inovação tecnológica e diversificação de mercados.

1.2 JUSTIFICATIVA

Desde o início da guerra comercial entre Estados Unidos e China iniciada em 2018 com a chegada de Donald Trump ao poder em seu primeiro mandato, o comércio internacional de commodities vem sofrendo mudanças significativas, principalmente quando falamos do mercado de soja (Faria, 2022). Dessa forma, o presente trabalho procura analisar os impactos dessa disputa na exportação de soja brasileira, considerando fatores econômicos, políticos e comerciais.

1.2.1 Relevância Econômica e Social

A soja é a principal commodity da pauta exportadora brasileira, representando 34,9% do volume de exportações do agronegócio (MAPA, 2024). Em 2022, a cadeia produtiva da soja movimentou R\$ 673,7 bilhões, equivalente a 27% do PIB do agronegócio, e gerou 2,05 milhões de empregos diretos e indiretos (CEPEA; ABIOVE, 2024). A compreensão dos efeitos da guerra comercial sobre esse setor é fundamental para a formulação de políticas públicas, a gestão de riscos geopolíticos e a sustentabilidade do desenvolvimento regional.

1.2.2 Contribuições da Pesquisa

Este estudo visa preencher lacunas na literatura sobre os efeitos de guerras comerciais em países terceiros, com base em dados atualizados até 2025. A análise integrada de aspectos econômicos, logísticos e diplomáticos oferece subsídios para agentes do setor privado, formuladores de política externa e pesquisadores interessados na dinâmica do agronegócio global e nas relações Brasil-China.

1.3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem metodológica mista, articulando pesquisa bibliográfica e documental com análise quantitativa de dados secundários, a fim de examinar de forma integrada os impactos da guerra comercial EUA-China no mercado brasileiro de soja. A estratégia de investigação baseia-se no princípio da triangulação de fontes, buscando convergência entre evidências teóricas, políticas e estatísticas (FAO, 2025; CONAB, 2025; USDA, 2025)

A primeira etapa consistiu em uma revisão sistemática da literatura especializada, incluindo artigos científicos e relatórios técnicos de organismos internacionais, com o objetivo de contextualizar as origens, a evolução e os desdobramentos geoeconômicos do conflito comercial. Paralelamente, foi conduzida uma análise crítica documental de políticas comerciais, acordos bilaterais e comunicações oficiais dos governos brasileiro, chinês e norte-americano, com ênfase nas medidas tarifárias e retaliatórias implementadas a partir de 2018 (MOFCOM, 2018; USTR, 2018).

Para a dimensão quantitativa, o estudo recorreu a bases de dados oficiais e reconhecidas internacionalmente, tais como o sistema COMTRADE das Nações

Unidas, o SECEX do Ministério da Economia do Brasil (MDIC, 2025), a plataforma da Food and Agriculture Organization (FAO, 2025) e os relatórios do United States Department of Agriculture (USDA, 2025). O período de análise compreende principalmente os anos de 2018 a 2024, com extensão a dados preliminares disponíveis, permitindo capturar os efeitos imediatos e de médio prazo do conflito.

Os dados coletados foram processados e analisados por meio de métodos estatísticos descritivos e análise comparativa, com a elaboração de séries históricas, gráficos e tabelas que ilustram a evolução da produção, exportação e preços da soja. A interpretação dos resultados buscou integrar as tendências numéricas ao quadro teórico e político previamente estabelecido, permitindo uma avaliação multidimensional dos impactos econômicos, das estratégias setoriais e dos riscos futuros para a cadeia produtiva brasileira.

1.4 REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo se ancora em um referencial teórico multidimensional que abrange as vertentes geopolítica, econômica e setorial da guerra comercial e do comércio agrícola global. Para a compreensão das origens e dinâmicas do conflito EUA-China, dialoga com autores como Bown (2020) e Irwin (2019), que analisam a escalada protecionista e o desmonte do multilateralismo, e com documentos oficiais como a National Defense Strategy dos EUA (2018) e relatórios da Organização Mundial do Comércio (2021).

No âmbito do reposicionamento do Brasil no mercado global de soja, o trabalho apoia-se em análises setoriais de instituições como a Embrapa, a CONAB e o USDA, que fornecem dados estruturais sobre produção, produtividade e competitividade. A dimensão das relações Brasil-China é examinada à luz de estudos como os de Kalout e Costa (2022), que discutem a parceria estratégica bilateral, e de relatórios do Ministério da Economia (MDIC) e do Banco Central.

Para a avaliação dos impactos macroeconômicos e internos, recorre-se a pesquisas do CEPEA e da ABIOVE (2024), que quantificam a contribuição da cadeia da soja para o PIB e o emprego, e a análises sobre logística e infraestrutura, como as de Péra (2025). Adicionalmente, incorpora-se a perspectiva chinesa por meio de documentos do Ministério da Agricultura da China (2021) e estudos como os de Hu (2025) sobre a redefinição da política de segurança alimentar.

2 A GÊNESE DE UM CONFLITO COMERCIAL: A GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA

2.1 As Origens e os Gatilhos do Conflito

2.1.1 A Doutrina “America First” e o Ressurgimento do Nacionalismo Econômico

A nomeação de Donald J. Trump para a presidência dos Estados Unidos, em 2016, marcou o retorno de um discurso econômico nacionalista e protecionista que já havia aparecido em administrações republicanas anteriores, como a de Ronald Reagan, que impôs restrições voluntárias às exportações da indústria siderúrgica japonesa nos anos 1980, com o objetivo de proteger o mercado interno de aço (U.S. INTERNATIONAL TRADE COMMISSION, 1984). Sob o slogan “*America First*”, o governo Trump procurou reverter o que considerava uma perda de competitividade industrial e de soberania econômica resultante da globalização e da liberalização comercial (BOWN; IRWIN, 2019).

Durante a campanha e o mandato, Donald Trump consolidou um discurso fortemente nacionalista, defendendo a supremacia dos interesses norte-americanos e rejeitando o papel tradicional dos Estados Unidos como líder liberal global. A política externa sob o lema “*America First*” visava reposicionar o país como uma potência autônoma e assertiva, disposta a usar sua influência econômica como instrumento de poder (PANT, 2020). Esse princípio resultou em uma visão unilateral das relações internacionais, na qual as instituições multilaterais — especialmente a Organização Mundial do Comércio (OMC) — passaram a ser vistas como obstáculos à prosperidade americana. O próprio Trump declara que buscava “tirar a ferrugem da política externa” (SPERLING; WEBBER, 2019), rompendo o consenso bipartidário de engajamento cooperativo com outras potências e abrindo espaço para uma postura de competição aberta.

Segundo Mead (2016), o discurso de Donald Trump resgata visões da democracia jacksoniana da política externa dos Estados Unidos, uma doutrina originária do século XIX, marcada pelo isolacionismo, pelo nacionalismo populista e pela defesa agressiva da soberania nacional. Essa tradição, valoriza a autossuficiência nacional e o poder militar, mantendo profundo ceticismo em relação

ao livre-comércio e às instituições multilaterais. Contudo, aplicar uma lógica jacksoniana no século XXI revela um evidente anacronismo, pois ignora as complexidades de um mundo globalizado e interdependente. Essa visão antiquada de política externa prioriza o poder militar e a autossuficiência econômica em detrimento da cooperação internacional, reforçando uma percepção de que os EUA estariam numa constante disputa pela preservação de sua hegemonia.

O reposicionamento estratégico dos Estados Unidos sob esse lema também ficou evidente na National Defense Strategy (NDS) de janeiro de 2018, que reconhece o ambiente internacional como cada vez mais competitivo diante dos desafios impostos por potências como a Rússia e a China. O documento, sob uma ótica neoliberal, identifica essas nações como ameaças à prosperidade e à segurança estadunidense, caracterizando-as como Estados-revisionistas que buscam moldar uma ordem mundial compatível com seus modelos autoritários. Como afirma o texto:

O principal desafio para a prosperidade e segurança dos EUA é o reaparecimento de uma competição estratégica de longo prazo por aquilo que a Estratégia de Segurança Nacional classifica como potências revisionistas. Está cada vez mais claro que a China e a Rússia desejam moldar um mundo compatível com seu modelo autoritário — obtendo poder de veto sobre decisões econômicas, diplomáticas e de segurança de outras nações.

A China está alavancando a modernização militar, operações de influência e economias predatórias para coagir países vizinhos a reordenar a região do Indo-Pacífico em seu benefício. À medida que a China continua sua ascensão econômica e militar, afirmando poder por meio de uma estratégia de longo prazo que envolve toda a nação, ela continuará a perseguir um programa de modernização militar que busca a hegemonia regional no Indo-Pacífico no curto prazo e a substituição dos Estados Unidos para alcançar preeminência global no futuro.¹

Esse fragmento evidencia como o governo estadunidense passou a entender a China não apenas como uma concorrente econômica, mas como uma ameaça

¹ U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE. *National Defense Strategy of the United States of America*. Washington, DC, 2018, p. 2–3. Tradução do autor. Texto original: “The central challenge to U.S. prosperity and security is the reemergence of long-term, strategic competition by what the National Security Strategy classifies as revisionist powers. It is increasingly clear that China and Russia want to shape a world consistent with their authoritarian model—gaining veto authority over other nations’ economic, diplomatic, and security decisions.”

China is leveraging military modernization, influence operations, and predatory economics to coerce neighboring countries to reorder the Indo-Pacific region to their advantage. As China continues its economic and military ascendancy, asserting power through an all-of-nation long-term strategy, it will continue to pursue a military modernization program that seeks Indo-Pacific regional hegemony in the near-term and displacement of the United States to achieve global preeminence in the future.”

sistêmica à ordem liberal internacional, justificando o endurecimento das medidas comerciais e o uso de tarifas como instrumentos de contenção estratégica.

2.1.2 O Déficit Comercial e as Bases Econômicas do Conflito

A retórica protecionista encontrou sustentação no crescente déficit comercial estadunidense, especialmente em relação à China. Desde a entrada chinesa na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, o país asiático passou a desempenhar papel central nas cadeias globais de produção e exportação. Em 2017, o déficit comercial dos Estados Unidos com a China ultrapassou US\$ 375 bilhões, refletindo o aumento das importações de produtos manufaturados chineses e a dependência das empresas americanas em relação à produção no país (UNITED STATES CENSUS BUREAU, 2023). Para o governo norte-americano, esse desequilíbrio era evidência de práticas comerciais desleais e de um sistema global que favorecia a expansão chinesa (CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2024).

Contudo, o déficit não refletia apenas trocas desiguais, mas também a própria integração das cadeias produtivas globais. Grande parte dos produtos importados pelos EUA a partir da China é composta por bens intermediários ou componentes fabricados por subsidiárias de empresas norte-americanas em território chinês (BALDWIN, 2016). Assim, a dependência comercial resultava tanto de vantagens comparativas quanto da realocação de etapas produtivas, característica da globalização contemporânea.

2.1.3 O Aço como Marco Inicial do Protecionismo

Nesse contexto, um dos primeiros setores a expressar a retomada do protecionismo foi o aço, tradicionalmente sensível às variações do comércio internacional e à concorrência de preços globais. Em março de 2018, o governo Trump impôs tarifas de 25% sobre o aço e 10% sobre o alumínio, fundamentadas na Seção 232 do *Trade Expansion Act* de 1962, sob o argumento de que a dependência externa nesses insumos representava uma ameaça à segurança nacional (U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE, 2018). Embora a participação direta da China nas exportações de aço para o mercado norte-americano fosse relativamente pequena, Pequim foi responsabilizada pela superoferta mundial do produto, resultado de políticas estatais de subsídio e excesso de capacidade produtiva nas províncias

siderúrgicas (WORLD STEEL ASSOCIATION, 2019). Essa distorção afetava diretamente o preço global do aço e, por consequência, a competitividade das indústrias ocidentais, o que reforçou a percepção de que a China operava fora das normas do livre comércio (OECD, 2020).

2.1.4 Da Disputa Comercial à Competição Tecnológica

Em março de 2018, o governo do Trump publicou um documento que indicava que quatro práticas chinesas que justificavam uma ação ao abrigo da Seção 301 das Leis de Tarifa e Comércio de 1974: (i) transferência forçada de tecnologia, através de formações de *joint-ventures*; (ii) ações cibernéticas para aquisição ilegal de VoIP e segredos comerciais dos EUA; (iii) discriminações e práticas de licenciamento não comerciais; e (iv) aquisição estratégica de bens norte-americanos financiada pelo Estado chinês. Dessa forma, é possível perceber que o posicionamento do governo americano era reflexo de três principais preocupações: (i) de que o superavit comercial chinês aumentaria o desemprego americano; (ii) China poderia ameaçar a posição internacional dos EUA e (iii) medo da China estar utilizando práticas ilegais para conseguir tecnologia americana a baixo custo (Liu et al, 2018).

Paralelamente às preocupações com o déficit, o governo Trump acusava a China de se beneficiar de práticas consideradas desleais, como subsídios a empresas estatais, manipulação cambial e exigência de transferência forçada de tecnologia de companhias estrangeiras que desejavam operar no mercado chinês (OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE, 2018). Tais medidas, vistas como incompatíveis com as regras da OMC, eram interpretadas como instrumentos de fortalecimento do modelo econômico chinês baseado na intervenção estatal e no controle estratégico de setores-chave.

As acusações também refletiam o temor americano de perder a liderança tecnológica e industrial. O avanço de empresas chinesas como Huawei e ZTE, em áreas como telecomunicações e semicondutores, acendeu alertas em Washington sobre espionagem, segurança cibernética e dependência tecnológica (KENNEDY, 2020). O plano "*Made in China 2025*", lançado por Pequim, reforçou essa percepção, ao propor metas ambiciosas para tornar a China líder global em setores de alta tecnologia, como robótica, energia limpa e inteligência artificial. Dessa forma, o conflito

comercial extrapolou a esfera econômica e passou a representar uma disputa estratégica pela hegemonia tecnológica global (CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2021).

Em 2018, o então vice-presidente Mike Pence declarou publicamente que a República Popular da China representava a maior ameaça econômica e política aos Estados Unidos, em discurso no Hudson Institute (PENNY, 2018). Essa afirmação consolidou o entendimento da guerra comercial não apenas como um mecanismo de reequilíbrio econômico, mas como um instrumento de contenção geopolítica. Na visão do governo Trump, a China não era apenas uma concorrente comercial — era uma rival sistêmica, cuja ascensão ameaçava a ordem econômica liberal liderada pelos EUA (ALLISON, 2021).

2.1.5 O Colapso do Multilateralismo e a Escalada Tarifária

Nesse contexto, os Estados Unidos passaram a questionar a eficácia da própria Organização Mundial do Comércio, argumentando que o sistema multilateral de regras não conseguia conter o avanço chinês. A Casa Branca alegava que a OMC era incapaz de lidar com economias fortemente controladas pelo Estado, em que subsídios e barreiras não tarifárias distorcem a concorrência internacional (BOWN, 2020). Essa crítica levou o governo Trump a adotar medidas unilaterais, abandonando o multilateralismo que caracterizava a política comercial estadunidense desde o pós-guerra.

Dessa forma, com base na Seção 301 do *Trade Act* de 1974, os Estados Unidos impuseram tarifas sobre cerca de US\$ 50 bilhões em produtos chineses, valor que posteriormente ultrapassou US\$ 360 bilhões (OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE, 2018; U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE, 2021). As tarifas foram justificadas como uma forma de corrigir o déficit comercial, proteger a propriedade intelectual e restaurar a “justiça” nas trocas internacionais. Pequim respondeu de maneira equivalente, aplicando tarifas a centenas de produtos norte-americanos, incluindo o setor agrícola — especialmente a soja — que viria a se tornar o epicentro das retaliações (WORLD TRADE ORGANIZATION, 2021).

2.2 O Setor Agrícola no Epicentro da Disputa

2.2.1 A Interdependência Estratégica Pré-Guerra Comercial

Antes de 2018, a relação entre China e Estados Unidos no comércio de soja era marcada por interdependência e complementaridade econômica. Os Estados Unidos eram o segundo maior exportador mundial do grão, enquanto a China figurava como seu principal comprador, adquirindo cerca de 60% das importações globais de soja — o equivalente a mais de 90 milhões de toneladas anuais (OECD–FAO, 2018).

Para os Estados Unidos, a soja representava um pilar econômico e político. O chamado Cinturão da Soja, que abrange estados como Iowa, Illinois, Nebraska e Minnesota, compunha uma das bases eleitorais mais sólidas de Donald Trump, e também era responsável por bilhões de dólares em exportações anuais (USDA, 2020). A manutenção dessas vendas à China era essencial para a renda rural e para o equilíbrio do comércio agrícola norte-americano.

Para a China, a soja era, e continua sendo, um elemento indispensável da segurança alimentar nacional. O grão é a principal fonte de proteína vegetal usada na produção de ração animal, sustentando o maior rebanho suíno do mundo e uma indústria avícola em constante expansão. Além disso, é amplamente utilizado na produção de óleo comestível, um insumo básico na dieta chinesa (OECD–FAO, 2021).

Essa complementaridade simbolizava uma forma de equilíbrio econômico: os EUA ofereciam tecnologia e capacidade produtiva; a China, mercado consumidor e liquidez. Muitos analistas viam nessa relação um fator de estabilidade bilateral — até que o aumento das tarifas em 2018 rompeu esse paradigma.

2.2.2 A Retaliação Chinesa: Precisão e Objetivos Claros

Quando Washington impôs tarifas sobre mais de US\$ 50 bilhões em produtos chineses, Pequim respondeu com precisão estratégica. Em 4 de abril de 2018, o Ministry of Commerce of the People's Republic of China (MOFCOM) anunciou a aplicação de tarifas adicionais de 25% sobre uma lista de exportações norte-americanas, incluindo a soja (MOFCOM, 2018).

A escolha da soja foi cuidadosamente calculada. O produto era, ao mesmo tempo, essencial para a segurança alimentar da China e crucial para a economia dos estados rurais estadunidenses, principais apoiadores políticos de Trump. Assim, a

retaliação visava atingir não apenas o comércio, mas também a base eleitoral do presidente.

O impacto foi imediato. O preço internacional da soja caiu de US\$ 10,50 por bushel em janeiro para cerca de US\$ 8,35 em setembro de 2018, e os estoques norte-americanos atingiram recordes históricos, superando 29 milhões de toneladas (USDA, 2020). Grandes tradings, como Cargill e Bunge, registraram fortes quedas nos lucros, enquanto produtores rurais acumularam prejuízos bilionários.

O governo norte-americano reagiu lançando o *Market Facilitation Program* (MFP), que injetou mais de US\$ 28 bilhões em subsídios agrícolas entre 2018 e 2020 para compensar as perdas causadas pelas tarifas (USDA, 2021). Ainda assim, os danos à confiança e ao equilíbrio de longo prazo da cadeia de suprimentos foram profundos.

2.2.3 A Resposta Chinesa: Diversificação e Fortalecimento da Soberania Alimentar

A retaliação chinesa, além de punitiva, foi estrategicamente transformadora. Diante da vulnerabilidade exposta pela dependência de produtos agrícolas americanos, o governo chinês adotou uma série de medidas voltadas à diversificação de fornecedores e ao fortalecimento da autossuficiência alimentar.

O Brasil emergiu como o principal beneficiário dessa reconfiguração. Entre 2018 e 2019, as exportações brasileiras de soja para a China saltaram de 56 milhões para 74 milhões de toneladas, representando mais de 75% do total importado pelo país (MAPA, 2020). A Argentina também ampliou sua participação, e outros exportadores, como Rússia e Ucrânia, passaram a integrar o novo circuito comercial agrícola (OECD–FAO, 2021).

No plano interno, Pequim reforçou políticas para reduzir sua exposição a choques externos. O governo lançou programas de revisão das dietas de ração animal, com o objetivo de diminuir a dependência de milho e farelo de soja — matérias-primas importadas em larga escala. Em abril de 2021, o Ministério da Agricultura e dos Assuntos Rurais da China publicou diretrizes recomendando a redução do uso de milho e farelo de soja na alimentação de suínos e aves, propondo

a substituição parcial por matérias-primas alternativas, como arroz, cevada, sorgo, mandioca, farelo de amendoim, algodão, colza e girassol (MINISTRY OF AGRICULTURE AND RURAL AFFAIRS OF CHINA, 2021).

Essas medidas têm uma importância estratégica: a China consome cerca de 175 milhões de toneladas de milho por ano na alimentação animal e importa aproximadamente 100 milhões de toneladas de soja para produção de farelo (FAO, 2021). A substituição parcial desses insumos tem potencial para reduzir o consumo de milho em até 50 milhões de toneladas e o de farelo de soja em até 8 milhões de toneladas anuais, conforme estimativas da corretora Zhaojin Futures, citadas por analistas do setor.

Segundo o comunicado oficial do ministério, o objetivo das novas diretrizes é “melhorar o uso das matérias-primas disponíveis e criar fórmulas alimentares que se ajustem melhor às condições agrícolas da China”. Essa estratégia, além de reduzir custos de importação, fortalece a resiliência agrícola nacional e impulsiona pesquisas sobre novas fontes de proteína vegetal e rações mais eficientes.

Contudo, analistas apontam que o efeito dessas medidas tende a ser gradual. Os volumes de alternativas, como farelo de colza, linhaça ou subprodutos de milho, são muito menores do que os de milho e soja, limitando o impacto imediato na balança de importações. Ainda assim, a política representa um avanço qualitativo na construção de uma segurança alimentar de longo prazo, alinhada ao princípio chinês de autossuficiência em setores estratégicos.

Em relatório da Reuters (2021), o analista Lief Chiang, do Rabobank, explica que essas medidas integram um plano de longo prazo de redução do uso de farelo de soja em rações animais, associado à necessidade de mitigar riscos geopolíticos. Segundo Chiang (2021), o objetivo central é construir uma cadeia de suprimentos mais resiliente diante dos riscos geopolíticos.

A China, responsável por mais de 60% da soja comercializada globalmente — cerca de 90 milhões de toneladas anuais, advindas dos Estados Unidos e do Brasil —, busca reduzir o volume absoluto de importações e, ao mesmo tempo, diversificar suas origens de abastecimento, especialmente para diminuir a dependência dos EUA.

De acordo com estimativas do Rabobank (2021), a meta chinesa de reduzir o teor de farelo de soja nas rações para menos de 13% até 2025 poderia diminuir as importações anuais de soja para cerca de 84 milhões de toneladas, ante as 95 milhões previstas para 2024. Esse movimento reflete não apenas uma resposta de curto prazo à guerra comercial, mas uma redefinição estrutural do modelo agrícola chinês, que combina inovação, diversificação e eficiência produtiva.

Essa série de ações demonstra que, ao contrário de simplesmente reagir à guerra comercial, a China redefiniu sua estratégia agrícola, transformando o episódio em um ponto de inflexão rumo a um modelo mais independente e tecnologicamente avançado. O conflito, assim, serviu como catalisador de uma política de “segurança alimentar inteligente”, em que o país busca reduzir vulnerabilidades externas e consolidar seu papel como potência agroindustrial global.

2.2.4 O Impacto da Guerra Comercial no Comércio Agrícola da China

O conflito comercial provocou também mudanças estruturais na agricultura chinesa. Conforme destaca Hu (2025), a escalada tarifária aumentou os custos das importações e afetou as exportações agrícolas da China, com destaque para o setor de frutos do mar, que sofreu forte retração. As importações de soja, carne suína e algodão caíram significativamente, obrigando o país a buscar novos parceiros e a reformular sua estratégia de abastecimento.

Hu (2025) argumenta que o comércio agrícola chinês passou a refletir uma lógica de autoproteção e adaptação estratégica. Mesmo após o Acordo de Fase 1, as tensões comerciais continuaram latentes, e o governo manteve políticas voltadas à segurança alimentar e tecnológica. A agricultura, portanto, consolidou-se como uma das frentes mais sensíveis da rivalidade sino-americana.

Apesar do impacto inicial negativo, as fricções comerciais também geraram novas oportunidades de desenvolvimento para a agricultura chinesa. O episódio estimulou políticas de modernização agrícola, inovação tecnológica e expansão do comércio eletrônico rural, integrando produtores locais a mercados internacionais (MOFCOM, 2023).

Segundo Liu, Dong e Qian (2024) o conflito funcionou como um catalisador de reformas internas, levando o governo a fortalecer mecanismos de controle de qualidade, infraestrutura logística e promoção internacional de marcas agrícolas chinesas. Contudo, os autores ressaltam que muitos produtores ainda mantêm estratégias tradicionais, com pouca presença no comércio eletrônico transfronteiriço, o que limita o potencial competitivo do setor.

Portanto, a guerra comercial, ao mesmo tempo em que expôs vulnerabilidades, também impulsionou uma transição estrutural, tornando a agricultura chinesa mais resiliente, tecnológica e voltada à autossuficiência.

3 O OPORTUNISMO GEOPOLÍTICO DO BRASIL: MUDANÇAS NO FLUXO DE EXPORTAÇÃO DE SOJA

3.1 O Brasil como Solução Imediata para a Demanda Chinesa

Embora as sanções chinesas aos Estados Unidos tenham impactado significativamente no número de exportações brasileiras de soja para a China, esse não é o único fator que torna a commodity brasileira uma alternativa viável ao produto norte americano. Isso porque, entre os atuais concorrentes no mercado internacional da soja, o Brasil se apresenta como país com maiores vantagens comparativas (GAZONNI, DALL'AGNOL, 2018). Nesse tópico serão abordadas as razões que tornam o grão brasileiro uma alternativa estratégica ao estadunidense.

3.1.1 Demanda chinesa pela carne suína e farelo de soja

Atualmente a China se consolida como o principal mercado consumidor mundial de carne suína, no país, somente no ano de 2023, a proteína representou 70% do consumo de carnes (BORGES, GILIO, 2024). Para a produção da ração suína, tem-se o farelo de soja como componente principal, o que é benéfico para o Brasil, uma vez que, de acordo com dados do National Bureau of Statistics da China (2024 *apud* BORGES; GILIO, 2024) apenas 8% das terras do país são aráveis e 5% da água do planeta está disponível para o uso, tornando alto o custo de oportunidade dos produtos gerados com os recursos nacionais disponíveis.

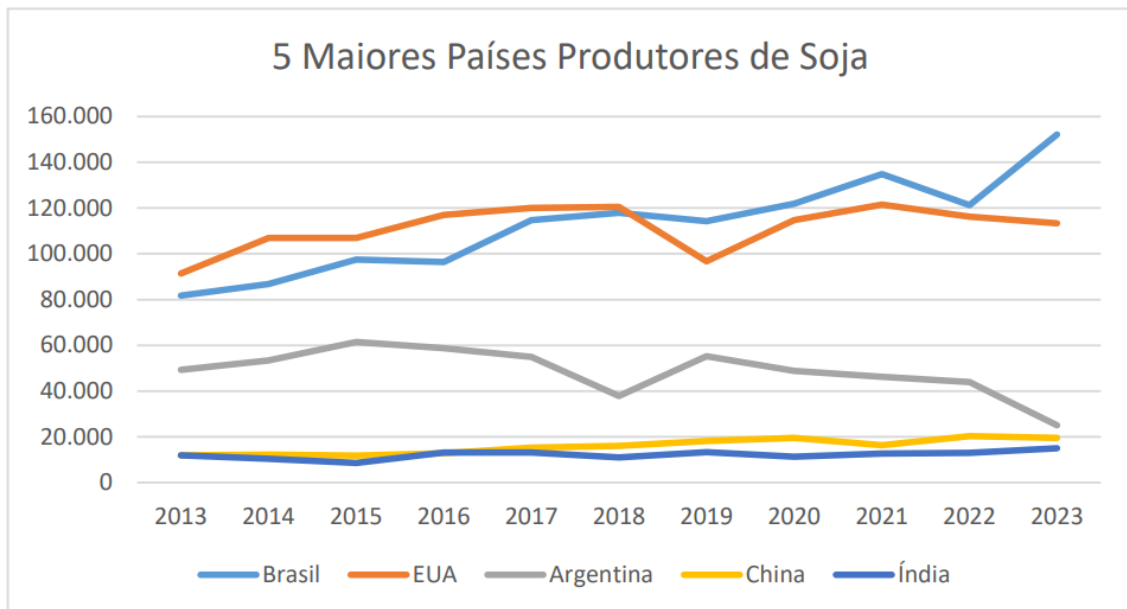
Adicionalmente, em 1996 o país iniciou um programa de política de autossuficiência alimentar determinando que certos alimentos considerados fundamentais na dieta nacional deveriam ser produzidos internamente, esses alimentos incluem grãos (milho e arroz), trigo e a carne suína. Estrategicamente, a importação de determinados produtos foi flexibilizada, sendo um desses produtos o grão de soja, tendo em vista que para produzir o montante de soja importado pela China somente no ano de 2023 seriam necessários 42 milhões de hectares de terras e 180 trilhões de litros de água, o que equivale à cerca de um terço da área cultivada no território. Dessa forma, a importação de recursos como a soja no país torna-se uma necessidade, criando uma relação estratégica tanto para o Brasil, que tem a China como seu maior cliente, quanto para a China, que pode aproveitar sua capacidade produtiva para outros alimentos essenciais a sua população (BORGES, GILIO, 2024).

3.1.2 Capacidade produtiva Brasileira

Desde 2019 o Brasil tem se consolidado como o maior produtor mundial do grão de soja ocupando o lugar do outrora líder histórico, Estados Unidos da América. Quando a cultura chegou ao Brasil em meados dos anos de 1960 a participação brasileira era de apenas 1,53% do mercado mundial. Porém, com uma série de políticas públicas e o desenvolvimento da semente para se adaptar ao solo tropical brasileiro, em 2023 a participação do país ocupou 41% do cenário global (INSTITUTO ESCOLHAS, 2025).

Como ilustra a Figura 1, baseada em dados da Food and Agriculture Organization (FAO, 2025), Brasil e Estados Unidos possuem uma capacidade de produção superior à de seus concorrentes (incluindo a própria China). Nos 4 anos seguintes a 2019 o Brasil conseguiu se manter à frente dos EUA em capacidade produtiva, chegando a ter uma diferença de 14% no ano de 2023. Essa capacidade também se destacou de seu concorrente latino-americano, a Argentina, em alguns períodos alcançando o dobro de produção.

Figura 1 – 5 Maiores Países Produtores de Soja



Fonte: FAO (2025). Elaboração dos autores.

No quesito maiores produtores por área plantada, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2025) o Brasil também se destaca, como demonstra a Figura 2, possuindo cerca de 32,8% da área plantada mundialmente com 46.15 mil hectares plantados, seguido pelos Estados Unidos com

23,7% (33.29 mil hectares) e Argentina com 11,6% (16.37 mil hectares). Colocando assim o país em uma situação de vantagem em relação a seus competidores.

Figura 2 – Área de Soja Plantada no Mundo



Fonte: USDA (2025). Elaboração dos autores.

3.1.3 Desenvolvimento e qualidade da soja brasileira

A cadeia produtiva de soja no Brasil desenvolveu-se exponencialmente ao longo dos mais de 60 anos desde a introdução da cultura no país (GAZONNI, DALL'AGNOL, 2018), representando cerca de 6% do produto interno bruto do setor agropecuário brasileiro, segundo dados do Embrapa (2025).

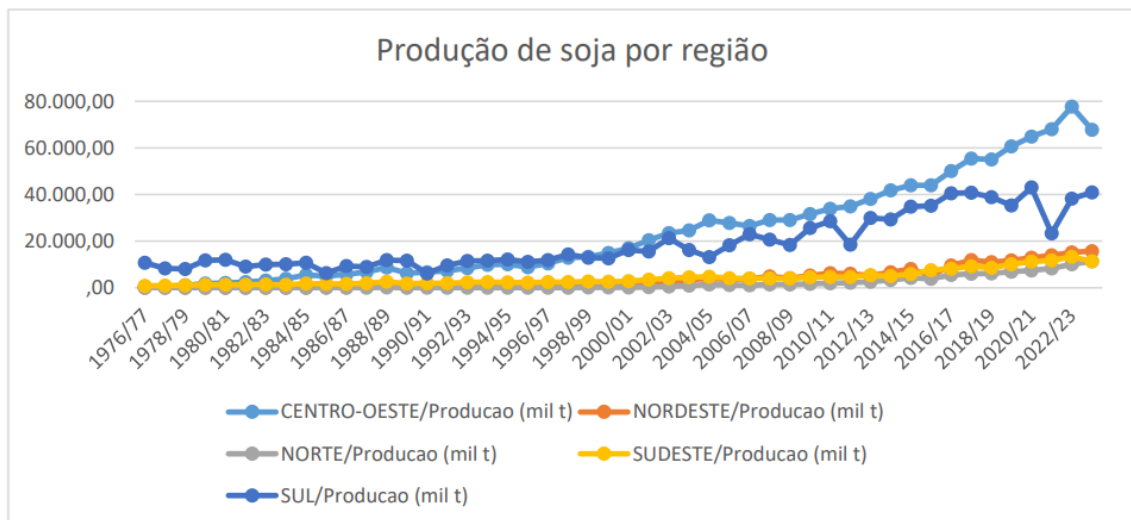
O forte desempenho do setor de soja no Brasil pode ser explicado pela vocação agropecuária do país, somada à um longo processo de modernização tecnológica e de investimento em P & D (pesquisa e desenvolvimento) para adaptar o grão ao clima tropical brasileiro (FARIA, 2022).

A semente de soja originalmente se adapta a climas frios e temperados (GAZONNI, DALL'AGNOL, 2018), porém, o avanço do P & D permitiu a expansão da cultura de soja para o Centro-Oeste, região essa cujo bioma predominante é o cerrado (SAMPAIO, SAMPAIO, BERTRAND, 2011). Dentre as instituições responsáveis pelo desenvolvimento do setor agropecuário, a que mais se destaca no campo da soja é a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. A Embrapa além de sementes, desenvolve também por novas formas de combate à doenças e pragas nas

plantações, permitindo a expansão da soja brasileira com altos níveis de produtividade.

Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2025) ilustrados na Figura 3 demonstram a contribuição da introdução da soja no Centro-Oeste brasileiro para a produção nacional. A participação da região saltou de 4% na safra de 1976/1977 (540 mil toneladas) para 46% da produção 2023/2024 (67.789,3 mil toneladas). O período analisado registrou um aumento de 1050% na produção de soja, demonstrando que os investimentos em pesquisa e inovação (incluindo o desenvolvimento de cultivares adaptadas ao clima tropical) foram essenciais para propiciar a atual posição de destaque do Brasil no mercado global da commodity.

Figura 3 – Produção de soja por região



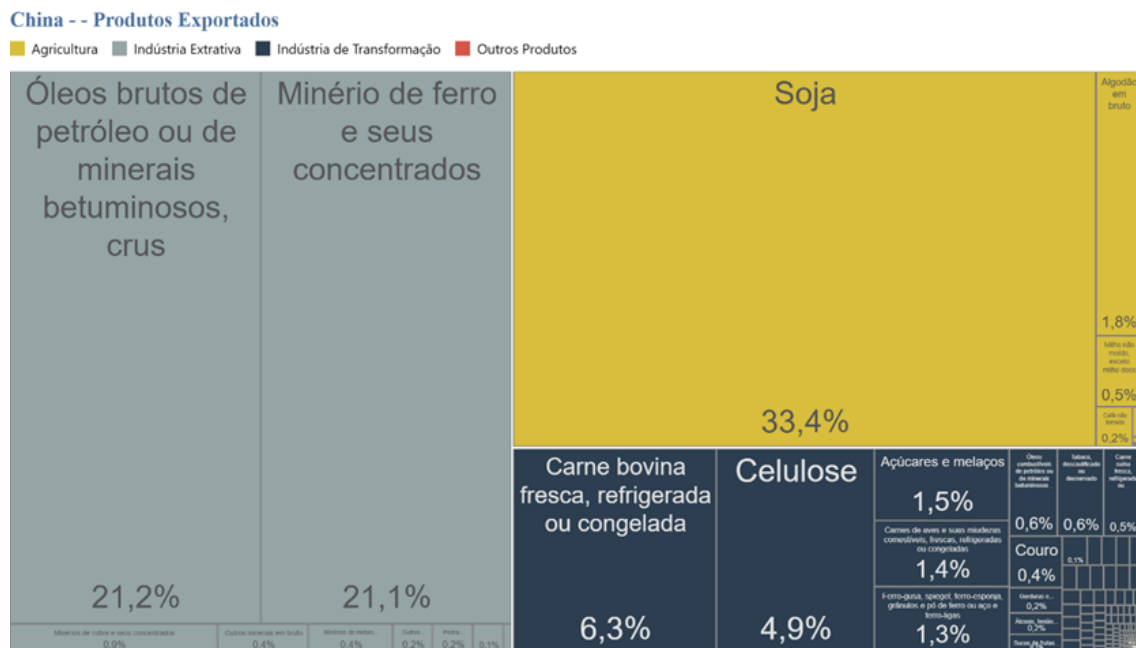
Fonte: CONAB (2025). Elaboração dos autores.

Um dos principais aspectos de destaque da soja brasileira no mercado internacional, com impacto direto na sua qualidade, é o alto teor de proteína quando comparado com a média de países concorrentes (GAZONNI, DALL'AGNOL, 2018). Um estudo realizado pela Embrapa em 2018 referente às safras de 2016/2017, mostra que o nível de proteína da soja nacional está em 36,69%, valor 1,99% acima dos 34,1% verificados na soja norte-americana no mesmo período, segundo dados da United States Soybean Export Council (USSEC, 2018, *apud* HIRAKURI ET AL., 2018).

3.1.4 Brasil como parceiro comercial estratégico da China

A parceria comercial sino-brasileira estende-se para além do mercado da soja, englobando a exportação de óleos brutos de petróleo/minerais, minérios de ferro e seus concentrados, carne bovina e celulose, entre outros produtos. Este fluxo comercial atingiu um total de US\$ 94,4 bilhões em 2024, consolidando a China como a maior importadora do Brasil na atualidade (MDIC, 2025). A Figura 4 ilustra o percentual das mercadorias mais comercializadas para o principal parceiro asiático em 2024, com a soja se destacando como o produto mais comercializado.

Figura 4 – Produtos exportados para a China em 2024.



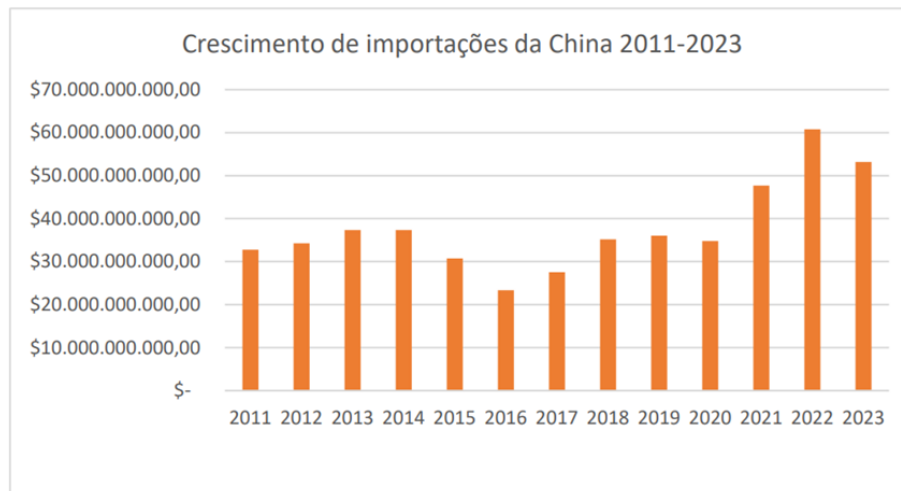
Fonte: MDIC/Comexstat (2025).

Verificando o balanço de exportações do Brasil para a China no período que compõe 2011-2023 (Figura 5), duas observações são pertinentes: A primeira é o crescimento exponencial do valor exportado, de U\$ 44.3 bilhões em 2011 para U\$104.3 bilhões em 2023. A segunda é a superação de um déficit em exportações na balança comercial com a China no período entre 2011 e 2016, seguida da retomada sustentada do crescimento a partir de 2017, período esse que coincide com o início do conflito comercial entre EUA e China.

Figura 5 – Crescimento de exportações para a China 2011-2023

Fonte: MDIC/Comexstat (2025). Elaboração dos autores.

No campo das importações (Figura 6), a tendência se mantém semelhante, apesar de apresentar mais oscilações, partindo de U\$ 32.8 bilhões em 2011 para U\$ 53.2 bilhões em 2023, com quedas entre os anos de 2015 e 2016 e retomada (mesmo que com eventuais déficits) entre os anos de 2017 a 2023.

Figura 6 – Crescimento de importações da China 2011-2023

Fonte: MDIC/Comexstat (2025). Elaboração dos autores.

A partir dos dados analisados, verifica-se que não somente a parceria Brasil-China antecede os conflitos comerciais entre EUA e China em 2018, como se fortalece no decorrer dos 14 anos analisados, tanto no âmbito das importações quanto das exportações, colocando o Brasil como um forte parceiro estratégico para a economia asiática.

3.2 A Realocação da Demanda: Análise dos Dados de Exportação

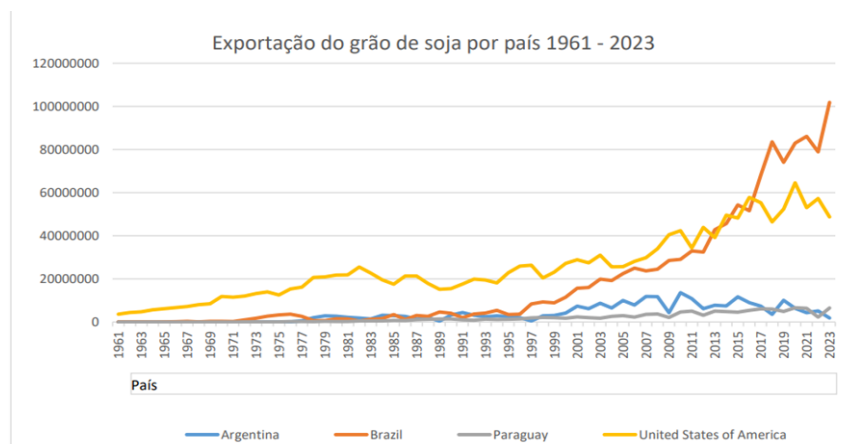
Para obter uma análise completa dos impactos da guerra comercial entre os Estados Unidos e China sobre o mercado da soja, é necessário analisar como o balanço de exportações da commodity tem se comportando em ambos os países antes e depois do início do conflito comercial.

3.2.1 Hegemonia dos EUA no mercado de soja

O mercado mundial de soja por um longo período foi dominado pelos Estados Unidos, a vocação do país na produção da commodity pode ser explicada por diversos fatores, entre eles: a entrada adiantada da semente no país, que já se tem registros de plantações no final do século XIX; a rápida expansão da cultura no território, que em 1940 já havia ultrapassado a da China, na produção de soja (GAZONNI, DALL'AGNOL, 2018); vantagem locacional, com solos tidos como mais férteis que o de seus concorrentes diretos (Brasil e Argentina); infraestrutura desenvolvida, com destaque para suas malhas ferroviárias, o que permite que o país tenha um custo de transporte interno mais eficiente e barato; fortes políticas governamentais ao setor agropecuário, com subsídios ao setor de soja que no início dos anos 2000 chegaram a 2,8 bilhões de dólares; e custos de produção ligeiramente mais baixos que seus concorrentes (SAMPAIO, SAMPAIO, BERTRAND, 2012).

Todas essas vantagens competitivas permitiram que o país norte-americano (EUA) figurasse como líder em exportação de soja por um período de mais de 50 anos, conforme dados da FAO (2025) ilustrados na Figura 7, chegando a deter uma participação de mercado superior a 50% até o final dos anos de 1980.

Figura 7 – Exportação de grão de soja por país 1961 - 2023



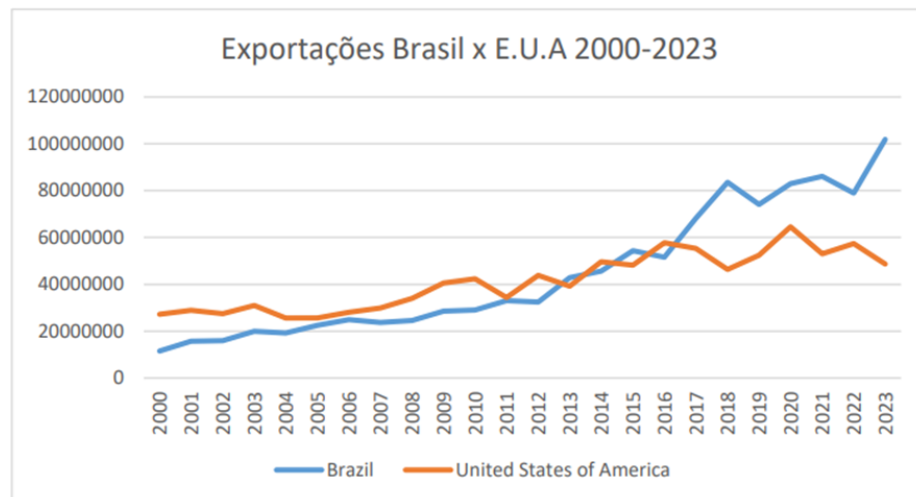
Fonte: FAO (2025). Elaboração dos autores.

3.2.2 Ascensão brasileira e declínio do crescimento norte-americano

Esse cenário de domínio absoluto, no entanto, começou a se modificar partir dos anos 2000 quando houve um crescente nas exportações do grão de soja provenientes do Brasil, tendência que foi significativamente intensificada com o início do conflito comercial entre China e EUA em 2018, conforme sugerem dados de exportações da FAO.

A primeira vantagem histórica do Brasil sobre os Estados Unidos, porém, ocorreu alguns anos antes, em 2013, quando o país exportou 42,7 milhões de toneladas contra 39,1 milhões dos EUA, o que pode ser atribuído a seca ocorrida no país norte-americano durante o circuito 2012/2013 (CONTINI, JÚNIOR, VIEIRA, 2013). Nos anos que se seguiram os países permanecem com forte concorrência, com os Estados Unidos apresentando números de exportação superiores nos anos de 2014 e 2016, e o Brasil se destacando em 2015 e 2017, conforme ilustrado na Figura 8. O ano de 2018 se consolidou, então, como o primeiro ano seguido em que o país sul-americano manteve sua liderança.

Figura 8 - Exportações Brasil x E.U.A 2000-2023



Fonte: FAO (2025). Elaboração dos autores.

3.3 Fatores Econômicos e Políticos que Influenciaram a Preferência Chinesa pelo Grão Brasileiro:

Apesar da posição competitiva, o Brasil ainda enfrenta desafios logísticos para consolidar a competitividade de seus produtos agropecuários no mercado internacional. Um desses obstáculos é a dependência do país do transporte rodoviário, de acordo com Péra (2025), no ano de 2023 cerca de 69% da produção de

soja foi movimentada por caminhões. As longas distâncias e a heterogeneidade do transporte aumentam significativamente no custo final da soja, abrindo espaço para que países concorrentes tenham preços mais competitivos (SAMPAIO, SAMPAIO, BERTRAND, 2012).

Tais fatores, no entanto, não significam que não tenha havido avanços significativos do setor nos últimos anos. O Brasil ainda possui grande força e vantagens competitivas que fazem dele uma forte potência produtora de commodities, colocando ele na rota de interesse de grandes países importadores, tal como a China.

3.3.1 Arco Norte e melhorias de Infraestrutura

Dois marcos recentes na logística de grãos para exportação merecem destaque. O primeiro deles a Lei nº 12.815/2013 e Decreto nº 8.033/2013, nomeada como “Lei dos Portos” que permite maior participação do setor privado na construção e exploração de portos hidroviários. Na prática, a mudança possibilitou que a participação do transporte hidroviário subisse de 8% para 13% entre 2010 e 2023 no transporte da soja (PÉRA, 2025).

O segundo avanço significativo foi a Lei nº 14.273/2021, também conhecida como Lei das Ferrovias, que permite o desenvolvimento de ferrovias por meio de autorizações, em vez de concessões, mudança essa que, assim como a Lei dos Portos, também facilita o investimento privado na expansão e funcionamento das ferrovias (PÉRA, 2025).

Nesse contexto, foi possível maior desenvolvimento do corredor Arco Norte. Segundo o autor Péra (2025) pode-se definir o corredor Arco Norte como “Um conjunto de infraestruturas rodoviárias, ferroviárias, hidroviárias e portuárias nos estados das regiões Norte e Nordeste.”.

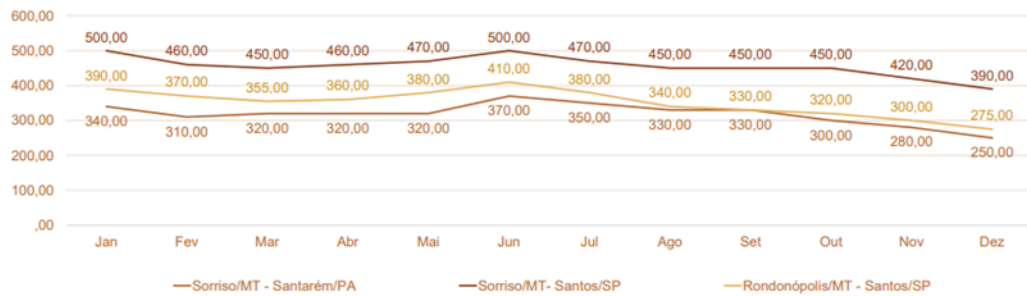
O corredor logístico é principalmente utilizado pelo estado de Mato Grosso, região essa responsável por $\frac{1}{4}$ da produção da soja e maior produtora nacional do grão (SNIZEK JÚNIOR et al., 2017). De 2010 a 2024 o número de exportações de soja, farelo de soja e milho pela região subiu de 12% para 35% (Péra, 2025).

A relevância desse aumento pode ser verificada ao se analisar os valores do frete mensal por duas possíveis rotas, conforme detalhado na Figura 9: uma de Sorriso/MT a um dos portos do Arco Norte, em Santarém/PA, e a segunda de

Sorriso/MT a Santos/SP (CONAB, 2025). As cotações do frete pela rota Arco Norte mostram-se consistentemente mais vantajosas ao longo de 2024, registrando uma diferença de 137,5 por tonelada exportada em comparação com a rota pelo Porto de Santos.

Figura 9 – Cotação média mensal de frete – MT (R\$/t)

Gráfico 26 - Cotações médias mensais de frete - MT (R\$/t)



Fonte: CONAB (2025).

Dessa forma, o desenvolvimento e maior utilização do corredor logístico se mostra como um ponto de vantagem para o mercado agropecuário, possibilitando que o país possua fretes mais baratos e tornando o preço da soja mais competitivo no mercado internacional.

3.3.2 Boa relação histórica Brasil-China

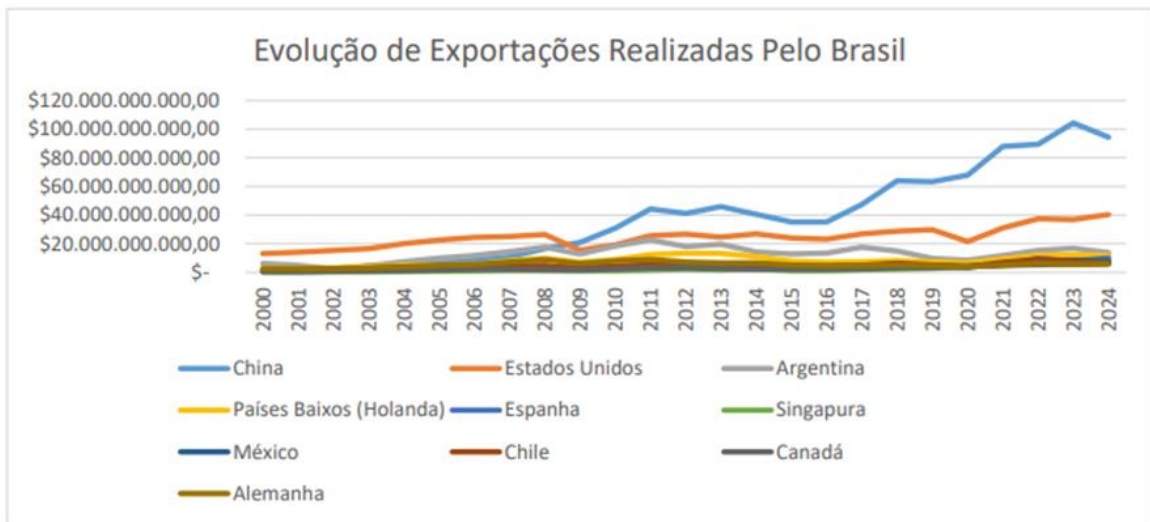
Em um comunicado conjunto à imprensa realizado no dia 20 de novembro de 2024, foi declarado:

Nos cinquenta anos desde o estabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a China, as relações dos dois países têm resistido às rápidas mudanças e marcadas turbulências no contexto internacional e mantêm desenvolvimento constante e positivo. O Brasil tornou-se, em 1993, pioneiro ao estabelecer uma Parceria Estratégica com a China. Em 2004, foi um dos primeiros países a reconhecer a China como economia de mercado e, em 2012, foi o primeiro país da América Latina e Caribe a estabelecer uma Parceria Estratégica Global. Sob a orientação estratégica dos dois chefes de Estado e a coordenação efetiva da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN), as relações entre os dois países entraram no melhor momento da história e a sua natureza estratégica, mutuamente benéfica e abrangente é cada vez mais destacada, dando um exemplo de relacionamento do Sul Global e entre os grandes países em desenvolvimento (BRASIL, 2024).

A nota publicada no contexto do G20, realizado na mesma data no Rio de Janeiro (VILELA, 2024), evidência o histórico de cooperação mútua entre as duas nações tanto no aspecto comercial, quanto político.

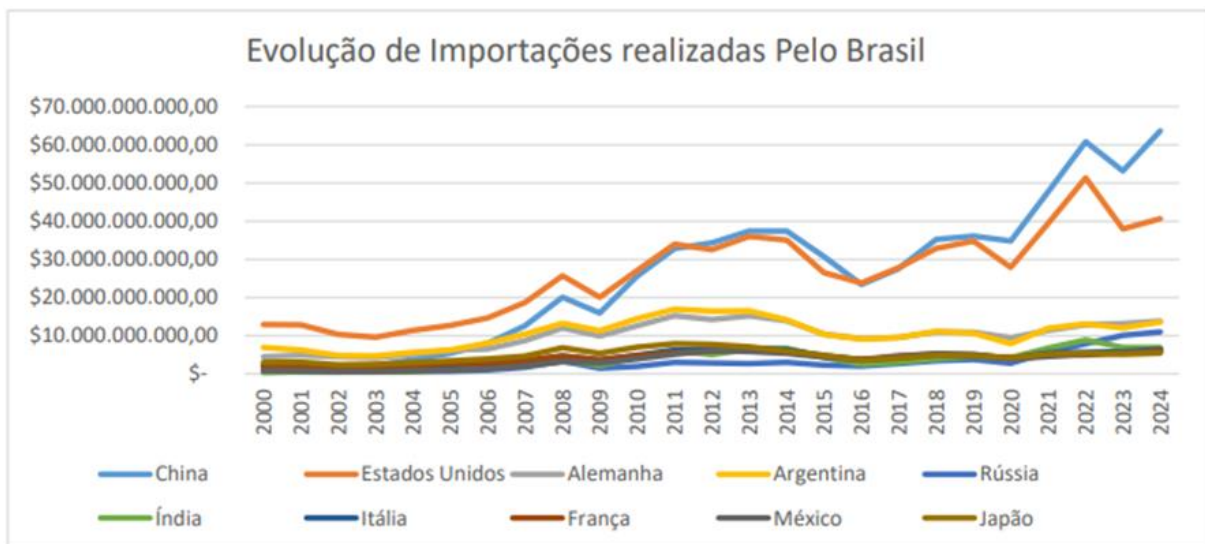
No que tange o campo econômico, em 2009 a China se tornou o maior parceiro comercial do Brasil, posição outrora ocupada pelos Estados Unidos por mais de 80 anos (KALOUT, COSTA, 2022). Desde então o gigante asiático vem ampliando sua participação nas exportações e importações brasileiras, se mantendo líder absoluto de produtos exportados nos anos que seguiram 2009 (Figura 10) e líder majoritário no campo das importações (Figura 11).

Figura 10 – Evolução de Exportações Realizadas Pelo Brasil



Fonte: MDIC/Comexstat (2025). Elaboração dos autores.

Figura 11 – Evolução de Importações Realizadas Pelo Brasil



Fonte: MDIC/Comexstat (2025). Elaboração dos autores.

No plano diplomático a sintonia sino-brasileira também é evidente. Enquanto os EUA apoiam candidatos opositores aos brasileiros em eleições para foros multilaterais (como da Organização Mundial do Comércio e do Conselho de

Segurança das Nações Unidas), os chineses sempre deram seu voto às candidaturas brasileiras (KALLOUT, COSTA 2022).

Nesse mesmo contexto, os autores Kallout e Costa (2022) explicam que:

Ainda que a China nunca tenha esboçado apoio explícito às pretensões brasileiras de se tornar membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, Pequim sempre procurou tratar o Brasil como uma potência em ascensão equiparável à China, mesmo que os recursos de poder fossem absolutamente assimétricos entre ambos os países.

Ademais, o tratamento cerimonial diplomático que cerca missões de alto nível a Pequim não se assemelha, por exemplo, àquela que Washington aplica ao Brasil. É possível observar, nas últimas duas décadas, um contraste: as visitas de autoridades brasileiras à China se intensificaram, ao passo que as destinadas a Washington seguiram um padrão mais inercial e menos dinâmico.

Outro pilar da aliança estratégica comercial e diplomática sino-brasileira é a atuação das nações no BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) (ZULQUES, 2024), onde Brasil e China, em conjunto com as outras nações pertencentes ao bloco, tem discutido a necessidade da diminuição de dependência do dólar norte-americano, sugerindo a criação de uma moeda comum ao bloco (COSTA; CORRÊA, 2025). Embora o avanço na criação do câmbio comum tenha apresentado avanços modestos, ações em direção a uma menor dependência do dólar já vem sendo tomadas pelas duas nações, como a adesão de bancos brasileiros no sistema Cips, que permite a realização de negócios entre as duas nações por meio de suas moedas locais (YAZBEK, 2023).

Dessa forma, constata-se que Brasil e China entre 2000 e 2020, estreitaram laços e passaram a defender interesses comuns em múltiplas frentes econômicas e diplomáticas, consolidando o país sul-americano como um parceiro estratégico para o fornecimento de uma commodity fundamental para a potência asiática.

4 IMPACTOS E ESTRATÉGIAS INTERNAS: EFEITOS DA GUERRA COMERCIAL NA ECONOMIA BRASILEIRA

4.1 Efeitos Macroeconômicos: PIB, Emprego e Receita

A guerra comercial entre Estados Unidos e China reconfigurou os fluxos globais de commodities e gerou impactos econômicos assimétricos entre as nações envolvidas. Diversos estudos publicados desde o início do conflito apontam resultados semelhantes, indicando uma "queda no bem-estar dos Estados Unidos e China, maior queda de produção no setor agrícola americano e ganho do setor agrícola brasileiro" (FARIA, 2022). Este cenário de ganho setorial para o Brasil materializou-se em efeitos macroeconômicos tangíveis, particularmente no Produto Interno Bruto (PIB), na geração de empregos e na receita, consolidando a soja como um pilar da economia nacional.

4.1.1 O Ganho Setorial Brasileiro no Contexto Internacional

A soja consolidou-se como a principal commodity do agronegócio brasileiro, e sua performance possui uma correlação direta com o desempenho econômico nacional. A posição de destaque do grão é resultado do retorno econômico que proporciona, tendo um alto impacto na elevação do PIB (OLIVEIRA et al., 2024). Dados mostram essa relação, evidenciados pela crescente demanda na produção, que acarreta aumento consequente no consumo e na exportação. Em 2020, por exemplo, a soja movimentou US\$ 28,561 bilhões, cifra que ressalta sua significativa contribuição para a balança comercial e para a formação do PIB nacional (OLIVEIRA et al., 2024).

4.1.2 A Soja como impulsionadora do PIB do agronegócio

Em 2022, o PIB total da cadeia produtiva da soja e do biodiesel alcançou a expressiva marca de R\$ 673,7 bilhões. Esse valor representou 27% do PIB do agronegócio brasileiro, um salto significativo em relação aos 9% registrados em 2010, evidenciando sua crescente importância relativa (CEPEA; ABIOVE, 2024). O dinamismo do setor fica ainda mais claro ao se analisar o crescimento em volume: entre 2010 e 2022, o PIB-volume da cadeia da soja expandiu 58%, um desempenho notavelmente superior ao crescimento do agronegócio (8%) e da economia brasileira como um todo (12%) no mesmo período (CEPEA; ABIOVE, 2024).

A geração de riqueza é distribuída por todos os elos da cadeia. A produção de soja em si gerou um PIB de R\$ 192,1 bilhões em 2022. A agroindústria, por sua vez, agregou quase R\$ 77 bilhões, com destaque para o esmagamento e refino (R\$ 57,7 bilhões) e para a produção de biodiesel, que apresentou um crescimento extraordinário de 162% no PIB-volume frente a 2010. Os agrosserviços, que incluem comércio, transporte e armazenamento, lideraram a agregação de valor com R\$ 362,54 bilhões, enquanto o segmento de insumos básicos gerou R\$ 42,1 bilhões, refletindo a alta demanda da lavoura por insumos (CEPEA; ABIOVE, 2024).

4.1.3 Impactos no Mercado de Trabalho e Desenvolvimento Regional

Já no mercado de trabalho, a cadeia produtiva demonstrou seu forte papel social. Em 2022, foram geradas 2,05 milhões de ocupações, um aumento de 80% em relação a 2012. Com isso, a participação da cadeia da soja no total de empregos do agronegócio saltou de 5,8% para 10,8% na década (CEPEA; ABIOVE, 2024). A produção foi a quarta maior empregadora da agropecuária, com 504,2 mil ocupações em 2022 – um crescimento de 135% frente a 2012. Os agrosserviços concentraram a maior parte da mão de obra (1,35 milhão), enquanto as agroindústrias (esmagamento, biodiesel e rações) geraram 72,3 mil empregos diretos. É importante destacar que o processamento industrial mostrou maior capacidade de gerar emprego por tonelada, criando 16,7 postos de trabalho por mil toneladas processadas, praticamente o dobro da geração de ocupações da soja produzida e não processada (8,5 empregos por mil toneladas) (CEPEA; ABIOVE, 2024).

Os efeitos do dinamismo do setor de soja transcendem as contas nacionais e se manifestam de forma ainda mais pronunciada no nível local, impulsionando o desenvolvimento regional. Municípios que são grandes produtores de soja apresentam indicadores econômicos notavelmente superiores. Conforme demonstrado na tabela da Figura 12, elaborada em 2022, os cinco maiores municípios produtores de soja foram os que obtiveram os maiores PIBs per capita, com taxas de crescimento elevadas em cidades como São Desidério e Formosa do Rio Preto, na Bahia (VIEIRA FILHO, 2024). Esse fenômeno ilustra como a riqueza gerada pela cadeia da soja se concentra e transforma economicamente as regiões produtoras.

Figura 12 - PIB per capita por diferentes Unidades territoriais do Brasil Entre os anos de 2000, 2010 e 2020

PIB per capita por diferentes unidades territoriais do Brasil entre os anos de 2000, 2010 e 2020

Unidade territorial – ordenamento por PIB per capita de 2020	PIB per capita 2000 (R\$ 1 mil)			Taxa de crescimento do PIB per capita por período (%)		
	2000	2010	2020	2000-2010	2010-2020	2000-2020
São Desidério (Bahia)	53,1	58,7	147,2	1,0	9,6	10,7
Formosa do Rio Preto (Bahia)	20,3	43,1	146,9	7,8	13,0	21,9
Campo Novo do Parecis (Mato Grosso)	87,8	78,5	100,4	-1,1	2,5	1,4
Sorriso (Mato Grosso)	64,1	58,7	82,4	-0,9	3,4	2,5
Rio Verde (Goiás)	36,3	44,6	52,6	2,1	1,7	3,8
Mato Grosso	25,4	37,1	48,8	3,9	2,8	6,7
Centro-Oeste	36,4	47,1	48,6	2,6	0,3	2,9
Sudeste	40,7	49,1	46,6	1,9	-0,5	1,4
Mato Grosso do Sul	23,3	33,6	44,5	3,7	2,9	6,7
Sul	33,1	42,9	43,7	2,6	0,2	2,8
Rio Grande do Sul	34,4	44,6	43,3	2,6	-0,3	2,3
Paraná	30,9	39,3	42,6	2,4	0,8	3,3
Brasil	29,7	37,4	37,5	2,3	0,0	2,3
Goiás	22,5	30,7	31,8	3,2	0,3	3,5
Norte	17,2	24,0	27,6	3,4	1,4	4,9
Nordeste	13,2	18,1	19,7	3,2	0,9	4,1

Fonte: IBGE (2022). Elaboração: VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro.

Em síntese, o aumento das exportações de soja, potencializado pela guerra comercial, atuou como um vetor crucial para a economia brasileira. O setor não apenas se beneficiou da disputa internacional, mas também retribuiu esse ganho através de uma contribuição substantiva para o PIB nacional e municipal, da geração de empregos em larga escala e da promoção do desenvolvimento socioeconômico nas regiões produtoras, confirmando sua importância fundamental e estruturante para a economia nacional.

4.2 Desafios e Oportunidades no Mercado Interno

A posição do Brasil como fornecedor global de soja gera uma dinâmica complexa no mercado doméstico, apresentando simultaneamente desafios e oportunidades. O fato de a soja ser o carro-chefe do agronegócio brasileiro e a China comprar 71% de suas importações do país (FARIA, 2022) cria uma pressão de demanda que se reflete internamente nos preços e na disponibilidade do grão e de seus derivados.

4.2.1 O Dualismo do Mercado Doméstico: Entre a Oportunidade Global e os desafios internos

As cotações do complexo de soja no mercado interno, conforme dados da ABIOVE ilustrados na Figura 13, mostram a trajetória de preços elevados. No mercado interno, por exemplo, o preço do grão em Maringá (PR) atingiu picos superiores a R\$ 140 por saca em outubro de 2024, enquanto em Rondonópolis (MT) os valores também se mantiveram em patamares historicamente altos, superando R\$ 150/saca no mesmo período (ABIOVE, 2024).

Figura 13 - Brasil - Complexo Soja - Setor Processador. Evolução das Cotações - FOB Brasil - Média Mensal (1º entrega)

Discriminação		Jan/24	Fev/24	Mar/24	Abr/24	Mai/24	Jun/24	Jul/24	Ago/24	Sep/24	Out/24	Nov/24	Dez/24	Jan/25	Fev/25	Mar/25	Abr/25	Mai/25	Jun/25	Jul/25	Ago/25	Sep/25	Var. mensal
1 - Grão																							
1.1 - Chicago - CBOT (US\$/t)		453.18	427.55	433.96	428.31	446.56	430.95	408.20	360.24	372.32	369.67	366.16	358.31	378.20	380.40	372.71	378.44	387.61	385.64	371.11	369.95	374.27	1.17%
1.2 - Prêmio (US\$/t)		-18.52	-36.75	-17.91	-4.13	2.57	12.22	19.47	48.69	59.44	59.45	52.18	33.99	7.72	7.35	21.13	22.78	11.48	34.91	53.28	68.90	66.14	-4.00%
1.3 - FOB Porto - Paranaguá (US\$/t)		434.66	390.81	416.05	424.18	449.13	443.17	427.68	408.93	431.75	429.13	418.34	392.30	385.91	387.75	393.84	401.22	399.10	420.55	424.39	438.85	440.41	0.36%
1.4 - Mercado Interno - Maringá / PR - R\$/saca (sem ICMS)		117.63	110.50	116.70	123.25	130.70	132.00	132.25	131.00	138.38	142.75	141.60	136.13	129.15	127.88	129.38	132.00	129.10	131.13	132.50	135.90	135.88	-0.02%
1.5 - Mercado Interno - Mogiana / SP - R\$/saca (sem ICMS)		123.50	115.25	119.50	124.38	133.30	135.88	135.88	131.60	137.38	138.25	140.10	135.88	131.40	126.00	128.50	130.13	128.60	131.13	133.50	135.80	134.63	-0.87%
1.6 - Mercado Interno - Passo Fundo / RS - R\$/saca (sem ICMS)		127.50	119.00	119.30	124.00	131.10	135.50	135.25	131.30	136.00	136.50	136.80	135.75	135.40	133.38	131.25	133.25	130.50	132.13	133.00	135.30	134.50	-0.59%
1.7 - Mercado Interno - Rondonópolis / MT - R\$/saca (sem ICMS)		113.88	104.25	111.10	116.75	123.00	126.13	127.50	128.60	134.00	141.13	152.10	129.50	118.80	115.75	117.38	119.38	117.10	119.00	120.25	127.00	129.50	1.97%
2 - Farelo																							
2.1 - Chicago - CBOT (US\$/t)		403.91	376.83	371.21	370.71	407.94	398.15	393.06	353.93	352.25	351.36	322.09	315.45	333.73	328.42	324.18	321.61	321.70	319.25	295.25	314.81	307.98	-2.17%
2.2 - Prêmio (US\$/t)		18.13	9.34	7.44	4.68	17.42	11.02	3.09	17.91	36.93	21.61	10.75	4.68	-8.60	-2.20	5.24	1.76	-9.09	-9.37	-8.16	-6.61	-3.86	-41.67%
2.3 - FOB Porto - Paranaguá (US\$/t)		422.04	386.17	378.65	375.40	425.35	409.18	396.15	371.85	389.18	372.97	332.83	320.13	325.13	326.22	329.42	323.37	312.61	309.88	287.09	308.20	304.12	-1.32%
2.4 - Mercado Interno - São Paulo - R\$/t - com 8.4% de ICMS		2.274.95	1.971.42	1.822.68	1.830.25	2.080.33	2.183.19	2.084.36	2.047.05	2.083.61	2.064.19	1.994.11	1.941.17	1.969.41	1.822.68	1.807.56	1.836.30	1.739.49	1.636.13	1.501.51	1.608.40	1.590.75	-1.10%
3 - Óleo Bruto																							
3.1 - Chicago - CBOT (US\$/t)		1.044.98	1.006.40	1.044.10	1.025.75	974.57	962.69	1.015.84	909.95	918.27	951.77	976.14	899.86	955.25	1.011.31	929.35	1.052.30	1.091.44	1.118.06	1.216.37	1.163.48	1.112.83	-4.35%
3.2 - Prêmio (US\$/t)		-194.45	-177.47	-138.34	-124.01	-67.46	-0.55	-56.44	23.70	41.34	115.96	129.52	128.42	66.14	88.18	0.00	-55.12	-55.12	-85.54	-36.38	8.82	-124.24%	
3.3 - FOB Porto - Paranaguá (US\$/t)		850.53	828.93	905.76	901.74	907.10	962.14	959.40	933.65	959.61	1.067.73	1.105.66	1.028.28	1.021.39	1.099.49	1.020.29	1.052.30	1.036.33	1.062.95	1.130.83	1.127.10	1.121.65	-0.48%
3.4 - Mercado Interno - São Paulo - R\$/t - com 12% de ICMS		4.975.00	4.716.25	5.236.25	4.448.75	5.220.00	5.742.50	6.290.00	6.356.25	6.525.00	6.950.00	7.425.00	6.956.25	6.900.00	6.818.75	6.918.75	6.910.00	6.456.25	6.425.00	6.905.00	7.300.00	7.637.50	4.62%

Fonte: Bolsa de Chicago, Corretoras. Elaboração: ABIOVE (2024).

Essa valorização do grão, impulsionada pela forte demanda externa, representa um aumento significativo da receita para os produtores rurais, conforme atestam os dados de comercialização da Figura 14. No Mato Grosso, principal estado produtor, 97.38% da safra 21/22 já estava comercializada até janeiro de 2023, um percentual que praticamente esgota a disponibilidade do produto no mercado doméstico (IMEA, 2023). Este cenário constitui uma oportunidade ímpar de geração de renda e capitalização no campo.

Figura 14 - SOJA: Estimativa de Comercialização SAFRA 21/22

13 de fevereiro de 2023

SOJA: ESTIMATIVA DE COMERCIALIZAÇÃO SAFRA 21/22



Regiões do Imea	Centro-Sul	Médio-Norte	Nordeste	Noroeste	Norte	Oeste	Sudeste	Mato Grosso
ago-20	0,23%	2,13%	1,92%	1,17%	2,32%	0,07%	0,29%	1,28%
set-20	4,41%	4,32%	4,74%	3,47%	5,84%	1,37%	1,69%	3,56%
out-20	6,22%	7,81%	8,16%	5,35%	10,15%	3,27%	2,89%	6,19%
nov-20	9,29%	11,57%	10,56%	7,48%	18,40%	15,09%	5,84%	10,52%
dez-20	10,12%	14,80%	11,77%	11,54%	20,31%	15,30%	10,17%	13,07%
jan-21	11,86%	18,68%	15,00%	15,85%	21,18%	16,58%	12,88%	15,99%
fev-21	14,04%	22,78%	18,92%	17,70%	24,17%	17,14%	13,92%	18,66%
mar-21	15,70%	27,75%	26,66%	21,02%	26,37%	25,14%	16,62%	23,49%
abr-21	16,71%	28,40%	27,84%	22,94%	28,08%	26,15%	18,87%	24,79%
mai-21	19,39%	31,31%	30,85%	26,19%	31,11%	31,05%	22,32%	28,07%
jun-21	27,80%	35,85%	35,42%	30,20%	35,85%	36,17%	26,68%	32,90%
jul-21	30,36%	37,86%	37,24%	32,73%	37,86%	37,43%	29,51%	35,04%
ago-21	35,39%	40,38%	39,47%	35,88%	40,59%	39,80%	32,35%	37,80%
set-21	37,02%	43,22%	41,87%	37,83%	44,06%	40,81%	34,16%	40,02%
out-21	37,96%	44,07%	42,38%	38,83%	45,40%	42,08%	35,23%	40,95%
nov-21	40,94%	48,10%	45,76%	43,09%	50,29%	45,23%	40,41%	44,98%
dez-21	43,37%	49,95%	46,81%	46,81%	51,90%	46,72%	43,32%	47,03%
jan-22	47,41%	52,25%	52,26%	51,58%	55,07%	51,62%	48,95%	51,26%
fev-22	54,27%	57,61%	56,60%	55,00%	58,40%	57,27%	52,83%	56,00%
mar-22	59,82%	62,94%	64,18%	58,44%	64,86%	62,05%	60,85%	62,19%
abr-22	63,43%	68,07%	70,31%	62,85%	70,49%	73,62%	69,70%	68,86%
mai-22	69,37%	74,57%	76,23%	69,42%	77,07%	79,45%	72,35%	74,35%
jun-22	77,23%	80,44%	81,30%	77,18%	80,98%	81,72%	81,04%	80,42%
jul-22	83,67%	84,58%	83,71%	84,03%	88,78%	82,92%	83,24%	84,09%
ago-22	87,03%	86,42%	85,70%	85,84%	91,82%	83,04%	84,64%	85,86%
set-22	88,01%	87,83%	88,24%	87,87%	91,87%	84,89%	86,52%	87,56%
out-22	89,11%	90,33%	91,17%	89,73%	96,23%	88,13%	90,04%	90,40%
nov-22	90,76%	92,07%	93,42%	90,76%	96,27%	91,51%	92,03%	92,31%
dez-22	96,74%	94,06%	97,89%	94,25%	97,73%	95,59%	96,47%	95,87%
jan-23	98,42%	96,04%	99,55%	95,77%	99,03%	96,46%	97,52%	97,38%
fev-23	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Δ Mensal (p.p.)*	1,58 p.p.	3,96 p.p.	0,45 p.p.	4,23 p.p.	0,97 p.p.	3,54 p.p.	2,48 p.p.	2,62 p.p.
fev/22 - Safra 20/21	99,65%	99,97%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	99,77%	99,92%
Δ Anual (p.p.)*	0,35 p.p.	0,03 p.p.	0,00 p.p.	0,00 p.p.	0,00 p.p.	0,00 p.p.	0,23 p.p.	0,08 p.p.

Fonte: IMEA (2023).

4.2.2 Pressão Sobre as Cadeias Produtivas Dependentes da Soja

Contudo, esse mesmo cenário impõe desafios substanciais para os segmentos nacionais que dependem da soja como insumo. A cadeia de proteína animal, que utiliza o farelo de soja como base para rações, é diretamente impactada. Os dados da ABIOVE (2024) indicam que o preço do farelo no mercado interno de São Paulo, mesmo com variações, se manteve em patamares elevados, superando R\$ 2.000/tonelada durante a maior parte do período analisado. O encarecimento deste insumo fundamental eleva os custos de produção para avicultura, suinocultura e aquicultura, pressionando os preços finais de carnes, ovos e peixes para o consumidor brasileiro e potencialmente reduzindo a competitividade desses produtos no mercado externo.

4.2.3 Impactos Inflacionários no Consumo Doméstico

Da mesma forma, o óleo de soja, base para a indústria de alimentos e para a produção de biodiesel, também experimentou uma forte valorização no mercado interno. Em São Paulo, os preços com ICMS apresentaram uma tendência de alta, saltando de cerca de R\$ 4.975/tonelada em janeiro de 2024 para patamares próximos a R\$ 7.700/tonelada no final do período (ABIOVE, 2024). Este movimento contribuiu para pressões inflacionárias sobre uma gama de produtos alimentícios, desde óleo de cozinha até alimentos processados, representando um desafio para a política econômica e para o poder de compra das famílias. Em síntese, a alta demanda e os preços elevados da soja, catalisados pela guerra comercial, criam um dualismo no mercado interno. De um lado, fortalecem financeiramente o setor produtivo primário, aceleram a comercialização e incrementam a balança comercial. De outro, transferem custos para as indústrias de transformação nacionais e para os consumidores finais, desafiando a estabilidade de preços de alimentos e a competitividade de cadeias produtivas estratégicas para a segurança alimentar do país.

4.3 As Estratégias do Agronegócio Brasileiro

O agronegócio brasileiro, diante das oportunidades criadas pela guerra comercial, precisou adotar uma série de estratégias para capitalizar a demanda chinesa por soja. Essas ações, envolvendo produtores, cooperativas e o governo, foram fundamentais para consolidar a posição do Brasil como principal exportador global. As estratégias logísticas surgiram como uma necessidade central para lidar com os desafios de transporte, armazenagem e distribuição de grandes quantidades de grãos, visando reduzir custos, aumentar a eficiência e assegurar a qualidade do produto exportado (BRITO; SILVA; LEÃO, 2023).

4.3.1 Modernização da Infraestrutura Logística

Um dos pilares para aproveitar a situação favorável foi o investimento constante em infraestrutura de transporte. Historicamente, o setor evoluiu do uso de portos fluviais e transporte em sacas para uma operação complexa e altamente sofisticada. A construção da Ferrovia Norte-Sul, concluída em 2014, tornou-se uma importante rota de transporte para a soja, permitindo que os grãos fossem transportados do interior do país de forma mais eficiente (BRITO; SILVA; LEÃO, 2023). Em consequência, o aumento da demanda por exportação incentivou

investimentos em portos privados, que passaram a oferecer serviços logísticos mais modernos. Esses terminais portuários especializados foram construídos ou modernizados, com sistemas de armazenagem e equipamentos apropriados para a movimentação de grãos (COSTA et al., 2019, apud BRITO; SILVA; LEÃO, 2023).

4.3.2 Adoção de Tecnologias de Controle e Inovação

A busca por eficiência também se manifestou na adoção de tecnologia de ponta. Empresas do setor passaram a investir em sistemas de armazenamento inteligente, que permitem o controle de temperatura, umidade e ventilação para garantir que os grãos sejam mantidos em condições ideais até a chegada ao destino (BRITO; SILVA; LEÃO, 2023). Além disso, a integração de sistemas de transporte e gestão de estoques, por meio do uso de tecnologias de informação, permitiu monitorar o fluxo de mercadorias em tempo real, facilitando a tomada de decisões e reduzindo custos. A automação de processos e o monitoramento em tempo real têm permitido um controle mais preciso e eficiente das cargas (BRITO; SILVA; LEÃO, 2023).

4.3.3 Diversificação Comercial e Políticas Governamentais

No âmbito comercial, o Brasil fortaleceu suas relações com parceiros estratégicos. A China, como principal destino das exportações de soja brasileira, teve suas relações comerciais fortalecidas, "resultando em parcerias estratégicas e acordos bilaterais que beneficiam o comércio de soja entre os dois países" (CAMPEÃO et al., 2020, apud BRITO; SILVA; LEÃO, 2023). Simultaneamente, o Brasil buscou diversificar mercados e atender demandas específicas. As exportações para a União Europeia, por exemplo, aumentaram, impulsionadas pela demanda por alimentos não geneticamente modificados (não-GM) e pela produção de biodiesel (ESCHER; WILKINSON, 2019). Para atender a esse mercado, os produtores brasileiros foram incentivados a adotar práticas mais sustentáveis e a diversificar a oferta de produtos, como a soja não transgênica, que tem uma demanda crescente no mercado internacional (AMARAL; PARIZZI, 2022).

O governo brasileiro desempenhou um papel crucial nesse processo, criando um ambiente favorável por meio de políticas públicas. Tais políticas visam "impulsionar a competitividade dos produtores e exportadores de soja, estimulando a produção e a exportação do produto" (FELDENS; LARSON, 2020). Isso se deu por meio de incentivos fiscais, subsídios e investimentos em infraestrutura.

Adicionalmente, na esfera internacional, o governo atuou na negociação de "acordos comerciais para facilitar o comércio de soja entre países, reduzindo tarifas de importação/exportação e removendo barreiras comerciais" (DE MELLO; BRUM, 2020).

Em síntese, as estratégias do agronegócio brasileiro para aproveitar as oportunidades geradas pelo conflito sino-americano foram multifacetadas. A combinação de investimentos maciços em infraestrutura logística, a adoção de tecnologias para ganho de eficiência e qualidade, a consolidação e diversificação de mercados por meio de acordos comerciais e o apoio governamental por meio de políticas setoriais foram determinantes para que o setor não apenas respondesse à demanda imediata, mas também fortaleceu sua posição competitiva de longo prazo no cenário global.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Síntese dos Principais Resultados

A ascensão de Donald J. Trump ao poder dos Estados Unidos nas eleições de 2016 impactou significativamente o comércio internacional, onde por meio de um discurso econômico nacionalista e protecionista o país buscou reafirmar sua posição como soberania econômica.

Um dos principais desdobramentos dessa política de combate ao multilateralismo foi a guerra comercial iniciada contra a China. Em março de 2018, o governo Trump impôs tarifas de 25% sobre o aço e 10% sobre o alumínio, justificando que a dependência externa nesses insumos representava uma ameaça à segurança nacional. Pequim respondeu com medidas equivalentes, aplicando tarifas retaliatórias a centenas de produtos norte-americanos, incluindo a soja. Em 4 de abril de 2018, o país asiático anunciou a imposição de tarifas adicionais de 25% sobre as exportações de soja dos Estados Unidos.

Nesse contexto, o Brasil, até então o segundo maior produtor mundial da commodity, emergiu como o principal beneficiário e a alternativa imediata para suprir a demanda chinesa, maior consumidora global do grão. Os resultados para o mercado de soja brasileiro foram extremamente positivos, consolidando o país como o maior produtor global e gerando impactos econômicos significativos.

Em 2019, o Brasil superou os Estados Unidos, tornando-se o maior produtor mundial de soja. Em 2023, o país foi responsável por 41% da produção global do grão. No campo das exportações, os resultados também foram expressivos: o país alcançou a marca de US\$ 101,9 bilhões em exportações em 2023, um aumento de 37,53% em comparação com 2019.

Internamente, o boom exportador contribuiu de forma expressiva para o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio e para a geração de empregos e renda no setor. A soja consolidou-se como a principal commodity do agronegócio brasileiro, apresentando uma correlação direta com o desempenho econômico nacional. Em 2022, o PIB total da cadeia produtiva da soja e do biodiesel alcançou R\$ 673,7 bilhões, o que representou cerca de 27% do PIB do agronegócio brasileiro e gerou 2,05 milhões de postos de trabalho no setor agropecuário.

Embora os resultados encontrados sejam em sua maioria positivos, o boom de exportações de soja também criou um novo conjunto de desafios internos e à sustentabilidade dessa vantagem competitiva a longo prazo.

5.2 A Fragilidade da Dependência: Riscos e Desafios Futuros

A alta dependência do mercado chinês, embora tenha sido o motor do crescimento exponencial das exportações brasileiras de soja após 2018, impõe uma fragilidade estrutural e riscos geopolíticos significativos para a balança comercial brasileira e para o mercado interno.

O mercado de soja brasileiro se beneficiou com o conflito China-EUA após a imposição de tarifas retaliatórias sobre a soja norte-americana. Essa vantagem, no entanto, solidificou uma concentração perigosa: a China é a maior importadora do Brasil e o destino de cerca de 71% das exportações brasileiras de soja. Essa concentração torna a economia brasileira, especialmente o agronegócio, excessivamente vulnerável a decisões políticas e estratégicas tomadas em Pequim ou Washington. Qualquer mudança súbita na política comercial chinesa ou na demanda por commodities pode afetar diretamente a balança comercial brasileira e a receita gerada pelo setor.

Uma das ameaças à posição do Brasil como maior exportador da soja para a China é uma possível remoção da tarifa de 25% impostas pela China sobre a soja norte-americana, visto que, o grão dos EUA voltaria a competir em condições de preço mais vantajosas, por conta de o país possuir estrutura logística superior a brasileira. Um novo acordo entre Washington e Pequim poderia levar a uma realocação da demanda que desviaria parte das compras chinesas de volta para os EUA, impactando diretamente o volume e a receita das exportações brasileiras.

O maior risco estrutural para o Brasil, no entanto, é não somente a reaproximação EUA-China, mas também a redefinição estrutural do modelo agrícola chinês. A China, vendo sua dependência externa de produtos agrícolas transformou a vulnerabilidade exposta pela guerra comercial em um catalisador para fortalecer a autossuficiência alimentar e diversificar seus fornecedores.

A meta chinesa de reduzir o teor de farelo de soja nas rações para menos de 13% até 2025 é um indicador dessa redefinição estrutural. Se alcançada, essa meta

pode diminuir as importações anuais de soja para cerca de 84 milhões de toneladas, em comparação com as 95 milhões previstas para 2024. Essa redução na demanda global impactaria o volume de exportações brasileiras e a balança comercial significativamente.

Internamente, o Brasil também enfrenta uma série de desafios estruturais, como a falta de estrutura ferroviária e hidroviária, tornando o transporte do grão dependente do meio rodoviário e encarecendo os custos logísticos, e também o custo elevado de insumos para o plantio de soja, contribuindo assim também para o encarecimento do preço da commodity.

Para manter sua vantagem competitiva, é necessário que o setor agropecuário brasileiro não somente esteja atento ao conflito China-EUA, mas também às políticas internas chinesas e as deficiências estruturais enfrentadas em território brasileiro.

5.3 Perspectivas Para a Política Brasileira

Para manter sua competitividade no mercado agropecuário internacional e a sustentabilidade das exportações brasileiras da soja, é necessário que o país mantenha uma política comercial proativa focando na mitigação da vulnerabilidade causada pela alta dependência do mercado chinês e no fortalecimento de fatores competitivos de longo prazo, como logística e tecnologia. As perspectivas para a política comercial brasileira devem se basear em três pilares: diversificação de mercados, agregação de valor e eficiência logística.

Embora o Brasil tenha consolidado a China como seu principal destino de exportação, o país deve buscar ativamente novos mercados para mitigar o risco de flutuações geopolíticas e a redução da demanda chinesa em função de suas metas de soberania alimentar. Nesse sentido, a política comercial deve focar na negociação de acordos comerciais para facilitar o comércio, reduzindo tarifas e removendo barreiras não tarifárias em novas regiões. O Brasil já demonstrou interesse em aumentar as exportações para a União Europeia, impulsionado pela demanda por alimentos não geneticamente modificados e para a produção de biodiesel.

Para sustentar sua posição competitiva, a política brasileira deve continuar investindo em estratégias logísticas para reduzir custos, aumentar a eficiência e

assegurar a qualidade do produto exportado. O investimento constante em infraestrutura de transporte é vital, sendo facilitado por marcos legais como a Lei dos Portos (Lei nº 12.815/2013) e a Lei das Ferrovias (Lei nº 14.273/2021), que permitem maior participação e investimento do setor privado. Esses marcos, no entanto, demonstram apenas um pequeno avanço para o país, que ainda possui 75% de suas cargas feitas por transporte rodoviário (GOVERNO DO BRASIL, 2020).

Em termos de qualidade e tecnologia, o país deve manter os investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento, contando com órgãos como a EMBRAPA no desenvolvimento de sementes e para manter sua qualidade e produtividade competitivos.

Para garantir a estabilidade econômica e social interna, a política deve incentivar o processamento industrial do grão no país. O setor de agroindústria (esmagamento, biodiesel e rações) demonstrou maior capacidade de gerar emprego por tonelada (16,7 postos de trabalho por mil toneladas processadas) do que a exportação do grão in natura (8,5 empregos por mil toneladas). A agroindústria agregou cerca de R\$ 77 bilhões em PIB em 2022.

O incentivo à industrialização também auxilia na mitigação dos desafios internos de custos, pois a forte demanda externa pressiona o preço do farelo de soja (insumo vital para a cadeia de proteína animal) e do óleo de soja, gerando pressões inflacionárias sobre produtos alimentícios para o consumidor brasileiro. A combinação dessas estratégias — diversificação, eficiência logística e industrialização — é fundamental para que o Brasil não apenas capitalize as oportunidades atuais, mas também assegure a competitividade e a resiliência de suas exportações a longo prazo.

6 REFERÊNCIAS

ABIOVE. **Estatísticas - Cadeia da Soja - Mensal**. ABIOVE, 2024. Disponível em: <https://abiove.org.br/estatisticas-cadeia-da-soja-mensal/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ALLISON, Graham. **Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap?** Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2021.

AMARAL, Daniel Furlan; PARIZZI, Fátima Chieppe. **A qualidade pela quantidade: desafio das exportações**. *Agroanalysis*, v. 42, n. 12, p. 22-23, 2022.

BALDWIN, Richard. **The Great Convergence: Information Technology and the New Globalization**. Cambridge: Harvard University Press, 2016.

BORGES, Pâmela; GILIO, Leandro. **China: segurança alimentar e crescimento da demanda por alimentos**. São Paulo: Insper – Centro de Agronegócio Global, 2024. Working paper n. 4/2024.

BOWN, Chad P. **The WTO and the China Trade Dispute**. Washington, D.C.: Peterson Institute for International Economics, 2020.

BOWN, Chad P.; IRWIN, Douglas A. **The Trump Trade War: A Timeline**. Washington, D.C.: Peterson Institute for International Economics, 2019.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Declaração Conjunta sobre a Formação Conjunta da Comunidade de Futuro Compartilhado Brasil-China por um Mundo Mais Justo e um Planeta Mais Sustentável**. Gov.br, Brasília, DF, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-conjunta-sobre-a-formacao-conjunta-da-comunidade-de-futuro-compartilhado-brasil-china-por-um-mundo-mais-justo-e-um-planeta-mais-sustentavel. Acesso em: 01 set. 2025.

BRITO, Daniel; SILVA, Gabriel Novais da; LEÃO, Airton Pereira da Silva. **Estratégias de logísticas para o setor exportador de soja no Brasil**. *Recima21 - Revista Científica Multidisciplinar* ISSN 2675-6218, v. 4, n. 7, e473595, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v4i7.3595>. Acesso em: 28 out. 2025.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). **The World Factbook 2024**. Washington, D.C.: CIA, 2024.

CHINA. Ministério do Comércio (MOFCOM). **Anúncio N° 34 de 2018 do Ministério do Comércio da República Popular da China sobre a Imposição de Tarifas Adicionais a Certas Commodities Importadas Originárias dos Estados Unidos**. Pequim, 4 abr. 2018. Título original: 商务部公告2018年第34号关于对原产于美国的部分进口商品加征关税的公告. Disponível em: http://www.mofcom.gov.cn/zcfb/blgg/art/2018/art_84a985144b0d47e5bc3e022204dfbf8d.html. Acesso em: 30 set. 2025

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) e Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove). **Cadeia da soja e do biodiesel: PIB, empregos e comércio exterior – 4º trimestre de 2023**. Piracicaba: CEPEA, 2024. Disponível em: <https://www.cepea.org.br/br/pib-da-cadeia-de-soja-e-biodiesel-analises-anuais.aspx>. Acesso em: 15 nov. 2025.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE (CRS). **U.S.–China Trade and Economic Relations: Overview and Issues for Congress**. Washington, D.C.: CRS, 2021.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Anuário Agrologístico**. Brasília, DF, v. 2, 2025.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Portal de Informações: Safra - Série Histórica de Grãos**. Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/safra-serie-historica-graos.html>. Acesso em: 23 nov. 2025.

CONTINI, Elisio; PENA JÚNIOR, Marcos; VIEIRA, Pedro Abel. **Seca norte-americana: preços agrícolas e implicações para o Brasil**. Revista de Política Agrícola, Brasília, DF, v. 22, n. 1, p. 85-97, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://rpa.sede.embrapa.br/RPA/article/view/284>. Acesso em: 28 set. 2025.

COSTA, L. P.; CORRÊA, S. R. dos S. **Os BRICS na rota da desdolarização**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 9, p. 430–454, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i9.20625. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20625>. Acesso em: 30 out. 2025.

COSTA, Pedro Garrido da. **Evolução recente da balança comercial Brasil-China**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Consultoria Legislativa, mar. 2023. (Estudo).

DE MELLO, Eliane Spacil; BRUM, Argemiro Luís. **A cadeia produtiva da soja e alguns reflexos no desenvolvimento regional do Rio Grande Do Sul**. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 10, p. 74734-74750, 2020.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (Embrapa). **Cadeia produtiva aponta desafios para mercado da soja brasileira**. Brasília, DF: Embrapa, 20 ago. 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/102552111/cadeia-produtiva-aponta-desafios-para-mercado-da-soja-brasileira>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ESCHER, Fabiano; WILKINSON, John. **A economia política do complexo soja-carne Brasil-China**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v.57, n.4, p. 656-678, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9479.2019.191017>. Disponível em: <https://www.revistasober.org/article/doi/10.1590/1806-9479.2019.191017>. Acesso em: 20 out. 2025.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Agricultural Outlook 2021–2030**. Roma: FAO, 2021.

FAO. Food And Agriculture Organization Of The United Nations. **FAOSTAT: Rankings, Countries by Commodity**. Roma, 2025. Disponível em: https://www.fao.org/faostat/en/#rankings/countries_by_commodity. Acesso em: 23 nov. 2025.

FARIA, Manuela de Souza Silva. **Guerra comercial entre Estados Unidos e China e seus impactos: o caso da soja brasileira**. 2022. 33 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – INSPER Ciências Econômicas, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio-api.insper.edu.br/server/api/core/bitstreams/9e3127a9-d55e-4a98-931d-9149dfcbfb72/content>. Acesso em 10 out. 2024.

FELDENS, Aray M.; LARSON, Donald W. **Análise dos efeitos de meios alternativos de transporte: armazenamento de trigo e soja no Rio Grande do Sul, Brasil**. Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, v. 19, n. 4, p. 571-583, 2020.

GOVERNO DO BRASIL. Ministério dos Transportes. **Transporte Rodoviário de Cargas**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/transporte-terrestre/transporte-rodoviario-de-cargas>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GAZZONI, Décio Luiz; DALL'AGNOL, Amélio. **A saga da soja: de 1050 a.C. a 2050 d.C.** Brasília, DF: Embrapa, 2018.

HIRAKURI, Marcelo Hiroshi et al. **Análise de aspectos econômicos sobre a qualidade de grãos de soja no Brasil**. Londrina, PR: Embrapa Soja, out. 2018. 14 p. (Circular Técnica, 145). Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1098236/analise-de-aspectos-economicos-sobre-a-qualidade-de-graos-de-soja-no-brasil>. Acesso em: 30 ago 2025.

HU, Zhitao. **The impact of the trade war between China and the United States on China's agricultural market**. Journal of Business and Economic Research, Bengbu, v. 1, n. 5, 2025. Disponível em: <https://www.sci-open.net/index.php/JBER/article/view/2856>. Acesso em: 01 nov. 2025. DOI: 10.63887/jber.2025.1.5.5.

INSTITUTO MATO-GROSSENSE DE ECONOMIA AGROPECUÁRIA (IMEA). **Índice de Força de Compra - Soja - Safra 21/22**. Cuiabá, MT: IMEA, 2023. Relatório n. 11. Disponível em: <https://imea.com.br/imea-site/arquivo-externo?categoria=relatorio-de-mercado/21-22&arquivo=ifc-soja&numeropublicacao=11>. Acesso em: 20 out. 2025.

INSTITUTO ESCOLHAS. **Brasil como líder mundial em produção de soja: até quando e a que custo?** Relatório Técnico. São Paulo: INSTITUTO ESCOLHAS, jun. 2025. Disponível em: https://escolhas.org/wp-content/uploads/2025/06/Relatorio-Tecnico_Brasil-como-lider-mundial-em-producao-de-soja.pdf. Acesso em: 28 out. 2025.

INSTITUTO IREE. **Relação Brasil-China: 50 anos de colaboração ou cooperação estratégica**. IREE, 2023. Disponível em: <https://iree.org.br/relacao-brasil-china-50-anos-de-colaboracao-ou-cooperacao-estrategica/>. Acesso em: 01 set. 2025.

KALOUT, Hussein; COSTA, Hugo Bras Martins da. **A rivalidade China-EUA e os interesses estratégicos do Brasil**. CEBRI-Revista, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, p. 70-89, abr./jun. 2022.

KENNEDY, Scott. **Made in China 2025**. Washington, D.C.: Center for Strategic and International Studies (CSIS), 2020.

LIU, Tao et al. **The Economic Impact of the U.S.–China Trade War**. Beijing: Chinese Academy of Social Sciences, 2018.

LIU, Yuchen; DONG, Yinguo; QIAN, Weiwen. **The impact of digital transformation on the quality and safety level of agricultural exports: evidence from Chinese listed companies**. Humanities and Social Sciences Communications, v. 11, n. 817, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-024-03321-w>. Acesso em: 24 out. 2025.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Exportações do Complexo Soja: Brasil 2018–2019**. Brasília: MAPA, 2020.

MEAD, Walter Russell. **The Jacksonian Tradition and American Foreign Policy**. Foreign Affairs, Nova York, 2016.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS (MDIC). **Comex Stat: Estatísticas de Comércio Exterior**. Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MINISTRY OF AGRICULTURE AND RURAL AFFAIRS OF CHINA. **Guidelines on Reducing the Use of Corn and Soymeal in Animal Feed**. Beijing: MARA, 2021. Disponível em: <https://www.moa.gov.cn/>. Acesso em: 13 out. 2025.

MINISTRY OF COMMERCE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA (MOFCOM) (2023). **MOFCOM Regular Press Conference (February 23, 2023)**. Disponível em: https://english.mofcom.gov.cn/News/PressConference/art/2023/art_caf6bf9050b04e179e20f8924c7c8dac.html. Acesso em: 30 set. 2025

MORGAN, Stephen et al. **The Economic Impacts of Retaliatory Tariffs on U.S. Agriculture**. Washington: U.S. Department of Agriculture, Economic Research Service, jan. 2022. 53 p. (Economic Research Report, n. 304). Disponível em: https://ers.usda.gov/sites/default/files/_laserfiche/publications/102980/ERR-304.pdf?v=69106. Acesso em: 30 ago. 2025.

OECD. **Latest developments in steelmaking capacity**. Paris: OECD Publishing, 2020.

OECD–FAO. **Agricultural Outlook 2018–2027**. Paris: OECD, Publishing, 2018.

OECD–FAO. **Agricultural Outlook 2021–2030**. Paris: OECD Publishing, 2021.

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE (USTR). **Findings of the Investigation into China’s Acts, Policies, and Practices Related to Technology Transfer, Intellectual Property, and Innovation Under Section 301**. Washington, D.C.: USTR, 2018.

OLIVEIRA, Ana Clara de et al. **Organização da Produção da Soja – Fazenda Recanto da Soja** - ETEC PROFESSOR ADHEMAR BATISTA HEMÉRITAS, São Paulo, 2024. Disponível em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/30533/1/administracao_2024_2_anacларadeoliveira_organizacaodaproducaodasojafazendarecantodasoja.pdf. Acesso em 25 out. 2025.

PANT, Harsh V. **America First and the Transformation of U.S. Foreign Policy under Donald Trump**. Observer Research Foundation Occasional Paper, n. 204, 2020.

PÉRA, Thiago Guilherme. **Logística e infraestrutura do agronegócio brasileiro: lições aprendidas e oportunidades para enfrentar o desafio do escoamento**. Piracicaba: Grupo ESALQ-LOG/USP, 2025. 13 p. (Série Logística do Agronegócio – Oportunidades e Desafios, v. 8).

PENCE, Mike. **Remarks by Vice President Pence on the Administration’s Policy toward China**. Hudson Institute, Washington, D.C., 4 out. 2018.

RABOBANK. **China Feed Industry Outlook 2021–2030**. Utrecht: Rabobank, 2021.

REUTERS. **China Issues Guidelines to Cut Corn, Soybean Use in Animal Feed**. Londres, 21 abr. 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/reshaping-grain-trade-china-moves-change-animal-feed-recipes-2021-04-21/>. Acesso em 28 out. 2025.

SAMPAIO, Luciano Menezes Bezerra; SAMPAIO, Yony; BERTRAND, Jean-Pierre. **Fatores determinantes da competitividade dos principais países exportadores do complexo soja no mercado internacional**. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v. 14, n. 2, p. 227-242, 2012.

SNIZEK JÚNIOR, P. N.; FIOR, E. M.; SILVA, M. C. da; TADASHI, H.; LEANDRO, T. da S. **Como o "Arco Norte" irá afetar a logística e exportações do estado de Mato Grosso**. CONNECTION LINE - REVISTA ELETRÔNICA DO UNIVAG, n. 17, 2017. DOI: 10.18312/connectionline.v0i17.384. Disponível em: <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/CONNECTIONLINE/article/view/384>. Acesso em: 30 out. 2025.

SPERLING, James; WEBBER, Mark. **Trump’s Foreign Policy and the “America First” Doctrine: Old Wine in New Bottles**. Global Affairs, London, v. 5, n. 3, 2019.

U.S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE (USDA). **August 2020 WASDE Lockup Briefing**. Washington, D.C., 2020. Disponível em:

<https://www.usda.gov/sites/default/files/documents/august-2020-wasde-lockup-briefing.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2025.

UNITED STATES. Department of Agriculture (USDA). Foreign Agricultural Service (FAS). **World Agricultural Production**. Washington, D.C., 2025. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/production.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2025.

A U.S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE (USDA). Farm Service Agency (FSA). **Market Facilitation Program (MFP) Fact Sheet**. Washington, D.C.: USDA, 2021. Disponível em: <https://www.fsa.usda.gov/programs-and-services/economic-and-policy-analysis/mfp/index>.

U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE (DOC). **Section 232 Investigation on the Effect of Imports of Steel on U.S. National Security**. Washington, D.C.: DOC, 2018.

U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE. Bureau of Industry and Security (BIS). **2020 Statistical Analysis of U.S. Trade with China**. Washington, D.C.: BIS, 2021.

U.S. INTERNATIONAL TRADE COMMISSION (USITC). **Steel Voluntary Restraint Agreements: Effects on U.S. Industry and Trade**. Washington, D.C.: USITC, 1984.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. **Trade in Goods with China**. Washington, D.C.: U.S. Department of Commerce, 2023.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **A cadeia produtiva de soja e o desenvolvimento econômico e regional no Brasil**. Rio de Janeiro; Brasília: IPEA, set. 2024. 27 p. (Texto para Discussão, n. 3042). Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/server/api/core/bitstreams/d560de32-e101-4e54-882a-4d6a7d8a11f4/content>. Acesso em: 28 set. 2025.

VILELA, Pedro Rafael. **Relação entre Brasil e China vive melhor momento, diz Xi Jinping**. CNN Brasil, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/relacao-entre-brasil-e-china-vive-melhor-momento-diz-xi-jinping/>. Acesso em: 01 set. 2025.

WORLD STEEL ASSOCIATION. **World Steel Statistical Yearbook 2019**. Brussels: WSA, 2019.

WORLD TRADE ORGANIZATION (WTO). **World Trade Statistical Review 2021**. Geneva: WTO, 2021.

YAZBEK, Priscila. **Bancos brasileiros fecham acordos na China para facilitar transações sem uso do dólar**. CNN Brasil. São Paulo, 29 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/missao-do-brasil-na-china-tem-acordos-para-compensar-transacoes-sem-uso-do-dolar/>. Acesso em: 31 out. 2025.

ZHAOJIN FUTURES. **Feed Market Analysis Report**. Beijing: Zhaojin Futures Research Center, 2021.

ZULQUES, Danielle. **Relação Brasil-China: 50 Anos de colaboração ou cooperação estratégica?** IREE, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://iree.org.br/relacao-brasil-china-50-anos-de-colaboracao-ou-cooperacao-estrategica/>. Acesso em 27 out. 2025